



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

JOSIVANIA PEREIRA DE OLIVEIRA

**O GÊNERO NARRATIVA TRÁGICA NO LIVRO SAGRADO: AS AÇÕES DO
DIVINO E A CONDIÇÃO HUMANA, NO LIVRO DE JÓ**

**CAJAZEIRAS – PB
2023**

JOSIVANIA PEREIRA DE OLIVEIRA

**O GÊNERO NARRATIVA TRÁGICA NO LIVRO SAGRADO: AS AÇÕES DO
DIVINO E A CONDIÇÃO HUMANA, NO LIVRO DE JÓ**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Letras - Língua Portuguesa, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande – *Campus* de Cajazeiras, como requisito de avaliação para obtenção do título de licenciada em Letras.

Orientador: Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva

Coorientador: Prof. Dr. Elri Bandeira de Sousa

CAJAZEIRAS – PB

2023

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação -(CIP)

O482g Oliveira, Josivania Pereira de.

O gênero narrativo trágica no Livro Sagrado: as ações do Divino e a condição humana, no Livro de Jó / Josivânia Pereira de Oliveira. – Cajazeiras, 2023.

50f.

Bibliografia.

Orientador: Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva.

Coorientador: Prof. Dr. Erli Bandeira de Sousa.

Monografia (Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa) UFCG/CFP, 2023.

1. Análise textual. 2. Gênero narrativo. 3. Livro de Jó - Análise. 4. Narrativa trágica. 5. Gênero trágico. 6. Bíblia-texto literário. 7. Análise - Texto bíblico. I. Silva, Abdoral Inácio da. II. Sousa, Erli Bandeira de. III. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU – 801.73

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Denize Santos Saraiva Lourenço CRB/15-046

JOSIVANIA PEREIRA DE OLIVEIRA

**O GÊNERO NARRATIVA TRÁGICA NO LIVRO SAGRADO: AS AÇÕES DO
DIVINO E A CONDIÇÃO HUMANA, NO LIVRO DE JÔ**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentada ao Curso de Letras/Língua
Portuguesa, do Centro de Formação de
Professores, da Universidade Federal de
Campina Grande – *Campus* de
Cajazeiras - como requisito para
obtenção do título de licenciado em
Letras.

Aprovado em: 09 / 11 / 2023

Banca Examinadora:

Abdoral Inácio da Silva

Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva
(UAL/CFP/UFCG - Orientador)

Pe. Antônio Sérgio Mota da Silva

Prof. Esp. Pe. Antônio Sérgio Mota da Silva
(Faculdade Católica da Paraíba - Examinador 1)

David Vinnicius Lira Campos

Prof. Me. David Vinnicius Lira Campos
(UAL/CFP/UFCG - Examinador 2)

A Deus, Autor da existência, que inspirou
cada sopro de ar que há em mim;
À Virgem Santíssima e seu casto Esposo,
São José, a quem tanto recorri;
À minha mãe e minha irmã, suporte e
alicerce nessa caminhada,

DEDICO ETERNAMENTE.

AGRADECIMENTOS

A Deus, o maior amor que já encontrei na vida, o qual me deu forças e colocou em meu coração palavras de ânimo e de carinho, animando-me diariamente a não desistir, mesmo em meio às muitas dificuldades.

À Nossa Senhora e seu Esposo São José, os quais são modelos de vida, bondade, firmeza e esperança, que foram responsáveis por muitas interseções ao longo desses anos.

À minha família, em especial, minha mãe Maria do Céu, que muito bem me educou e apoiou; minha irmã Jaqueline, por sempre segurar minha mão e enfrentar tudo para me ajudar nessa caminhada e seu esposo Petrônio, por abrir mão de tudo que pôde para me ver feliz, tantas vezes.

Ao meu namorado e grande amor Pedro, por ser minha paz em meio a tudo e acreditar infinitamente em minha capacidade, além de se orgulhar de mim nas pequenas coisas, sempre me dizendo que tudo passaria e que os momentos felizes se eternizam em nosso coração muito mais que os tristes. Eu te amo, meu bem. Você é muito mais que sonhei um dia.

Às minhas amigas Gicelle, Amanda e Vívía, que, muitas e muitas vezes, riram comigo dos momentos difíceis e acreditaram, às vezes, mais que eu, que eu chegaria aqui e seria uma boa profissional. Amo vocês, meninas!

À minha amiga Giovanna, que dividiu comigo esses cinco anos de curso e foi meu apoio em meio ao novo e desconhecido (às vezes também temido) universo da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Obrigada, amiga! Eu definitivamente não teria conseguido sem você;

Ao meu amigo Sávio, que trouxe boas risadas e muitos momentos felizes ao nosso trio, desde os primeiros momentos, além de ser ajuda em muitos momentos difíceis.

Ao meu grande amigo Thalís, que sempre reza por mim e torna a vida feliz com sua presença bondosa e amiga;

Às minhas amigas Denyse e Maísa, por serem alegria em meu ambiente de trabalho e serem a leveza que meu coração precisava tantas vezes.

Ao meu professor, amigo e orientador, Professor Abdoral, por acreditar em minha pesquisa e me ajudar, não importando em que dia ou horário fosse, a realizar

esse trabalho, sempre me dizendo que tudo daria certo e que minha pesquisa era excelente. Muito obrigada, professor.

Ao meu professor, amigo e coorientador que tanto admiro, Elri, que aceitou dar suas contribuições, tão significativas, a esta pesquisa, sendo uma peça singular para essa análise. Com certeza, professor, o senhor foi essencial para a realização deste trabalho. Muito obrigada!

Ao motorista Francisco (Chico), por todas as noites de sono mal dormidas para nos levar e trazer em segurança à universidade, num percurso exaustivo de 280km diários. Obrigada, Chico. Com certeza você faz parte disso.

A uma amiga tão querida, Layssa, que me cedeu sua casa no último período para que eu pudesse terminar o curso. Sem você, não realizaria isso agora. Obrigada, amiga!

A Danielly Dannys, que tornou os dias que tive que passar na UFCG mais curtos e infinitamente mais leves e engraçados.

Enfim, a todos aqueles que, direta ou indiretamente fizeram parte dessa caminhada que, apesar de difícil, foi feliz: colegas, professores e todos os funcionários da UFCG. Meu muito obrigada!

RESUMO

Esta pesquisa tem como propósito a realização de uma análise a respeito do gênero narrativo dentro do viés bíblico, encontrando no livro de Jó as características que o fazem pertencer ao gênero trágico. Tem a intenção de promover uma reflexão a respeito dos estudos literários, os estudos de narrativas, a linha do trágico, e encontra na Bíblia todas essas abordagens, especificamente na narrativa trazida pelo Livro de Jó. Além disso, tem os objetivos de entender os gêneros, entender a *Bíblia* e encontrar nela a narrativa trágica, que pertence, nessa análise, ao livro e personagem Jó. Trata-se de uma pesquisa de caráter bibliográfico e qualitativo, fundamentado em Aristóteles (1999), Frye (2021), Soares (1993) e Lesky (1996), dentre outros estudiosos da área, que tiveram uma grande contribuição para a pesquisa. A pesquisa encontra em Jó diversas concepções que o fazem um personagem encaixado dentro do gênero trágico.

Palavras-chave: *Bíblia*. Gêneros. Gênero Trágico. Livro de Jó.

ABSTRACT

The purpose of this research is to conduct an analysis about the narrative genre within the biblical bias, finding in the book of Job the characteristics that make it belong to the tragic genre. It intends to promote a reflection on literary studies, narrative studies, and the line of the tragic and finds in the Bible all these approaches, specifically in the narrative brought by the Book of Job. In addition, it aims to understand the literary genres, understand the Bible, and find in it the tragic narrative, which belongs, in this analysis, to the book and character Job. This is a bibliographical and qualitative research, based on Aristóteles (1999), Frye (2021), Soares (1993) and Lesky (1996), among other scholars in the area, who had a major contribution to the research. The research finds in Job several conceptions that make him a character embedded within the tragic genre.

Keywords: Bible. Genres. Tragic Genre. Book of Job.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 A LITERATURA E OS GÊNEROS LITERÁRIOS	12
3 A BÍBLIA COMO TEXTO LITERÁRIO.....	22
4 O GÊNERO TRÁGICO À LUZ DO LIVRO DE JÓ: UMA ANÁLISE	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS.....	47
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES	48

1 INTRODUÇÃO

O tema foi escolhido a partir de experiências vividas, como cristã, católica praticante e leitora da *Bíblia* e com a fé que aproxima essa relação e seus ensinamentos. A partir de uma nova vivência no curso de Letras e em algumas disciplinas em particular, como Língua Latina e Literatura Clássica, por exemplo, tomou-se como noção que muito do que era lido por mim também era mencionado pelos professores e que a *Bíblia* pode ser objeto de estudo, a partir de uma perspectiva literária.

Diante disso, entendemos que, em muitos contextos, há uma dificuldade de se introduzir a *Bíblia* como um objeto a ser estudado de forma literária, tendo os textos que nela estão contidos como também pertencentes à literatura. Ao compreendermos esse impasse e buscando solucioná-lo, encontra-se o Livro de Jó, como exemplo claro de gênero literário narrativa trágica, com as características que lhe são atribuídas por diversos autores, dentre eles, Aristóteles (1999), Frye (2021), Soares (1993) e Lesky (1996), por exemplo.

Nesse sentido, vendo a dificuldade de se encontrarem mecanismos para fazer da *Bíblia* um objeto de estudo cada vez mais introduzido dentro dos ambientes de ensino, levando em consideração seu caráter altamente literário, a seguinte problemática foi desenvolvida: como identificar, dentro do Livro Sagrado, as evidências de uma Narrativa Trágica, tendo como escopo o livro de Jó?

A hipótese levantada é que, sendo uma narrativa de caráter sagrado, a vida de Jó traz em si um sofrimento incomum a alguém tão justo, característica imanente ao trágico, que mexe e envolve o leitor/espectador. Porém, tendo um final feliz e de restituição, o Livro de Jó permeia os gêneros mencionados e nele são encontradas evidências não só de uma narrativa comum, mas de uma narrativa que contém em si elementos do trágico.

Partindo dessa premissa, faz-se interessante perceber que muitos autores vêm pesquisando a construção literária dos textos bíblicos, e, por isso, a presente pesquisa pretende ser desenvolvida nessa perspectiva. Ademais, a *Bíblia* contém muitas possibilidades de leituras e, assim, podemos buscar nela diversos gêneros, a exemplo, narrativas históricas, mitos, poemas e tantas outras possibilidades de interpretação.

A relevância desse estudo encontra-se então em apresentar à comunidade acadêmica e aos demais interessados nesse assunto uma visão de que a *Bíblia* não é apenas um livro de estudo religioso ou doutrinário, mas pode ser um interessante objeto de pesquisa e estudo literário, para que possa ser, cada vez mais, utilizada em espaços acadêmicos, visto que é perceptível comprovar que o Livro de Jó apresenta características suficientes para ser considerado uma importante fonte para estudos sobre diversos gêneros.

Partindo da problemática apresentada e entendendo qual a hipótese e justificativa, propomos como objetivo geral analisar, no Livro de Jó, as características do Gênero Literário Narrativa Trágica, além dos específicos, que são: Apresentar os elementos que compõem os gêneros; contextualizar a elaboração dos Livros Sagrados que integram a *Bíblia* e descrever, no Livro de Jó, os aspectos que tornam esta obra um exemplo deste gênero.

A pesquisa utiliza a *Bíblia*, edição de Jerusalém (2019); é fundamentada também nas perspectivas de Frye (2021), em *O Grande Código: A Bíblia e a Literatura*, que trata da relação entre a Literatura e a *Bíblia*; no trabalho dos autores Gabel e Wheeler (2003) *A Bíblia como literatura*, na qual fazem uma importante relação de similaridade entre a obra literária e o texto sagrado; além de Aristóteles, em sua obra *A Poética* que traz importantes considerações a respeito dos gêneros literários, assim como outros autores que contribuíram, de maneira significativa para a elaboração desta pesquisa, como Albin Lesky (1996), que apresenta considerações significativas a respeito dos tipos de textos trágicos.

Diante do exposto, a presente pesquisa demonstra que a *Bíblia* pode ser objeto de estudo e mais, que se pode, partindo do Livro de Jó, encontrar nele aspectos do gênero trágico, por ser Jó um personagem que passou por muitas adversidades em sua vida.

A presente pesquisa é de caráter bibliográfica, que, segundo Prodanov (2013, p. 128), é aquela “concebida a partir de materiais já publicados”. A pesquisa, aqui trabalhada, tem como foco de estudo o Livro de Jó, incluído na *Bíblia*. Para análise e confirmação de dados, utilizamos diversos teóricos de estudos literários que trabalham os gêneros, mas também a *Bíblia*, visto que o livro sagrado é seu grande ponto de apoio.

A pesquisa também se caracteriza como estudo qualitativo. Prodanov (2013, p. 71) afirma que esse tipo de pesquisa tem como meta de investigação

“entendimento, descrição, descoberta, generalização, hipótese”, por estar determinada a favorecer a compreensão dos dados mencionados e de obter, através deles, um conhecimento eficiente, que faça aqueles que por esse assunto se interessarem entenderem e terem informações disponíveis.

Nesse sentido, a estrutura do trabalho se divide em quatro capítulos. O primeiro capítulo, a introdução, traz as informações a respeito da estrutura do trabalho, apresentando cada parte e especificando tudo que será trabalhado. O segundo capítulo trata dos gêneros literários, especificando as características gerais e entrando de forma mais minuciosa e precisa naqueles gêneros que são de interesse da pesquisa. O terceiro capítulo apresenta a estrutura da *Bíblia* Católica e como ela se divide, apresentando o conteúdo de cada livro. O quarto capítulo faz uma análise do livro de Jó e dos gêneros que o estruturam, evidenciando nele a narrativa trágica.

Por fim, a pesquisa apresenta as Considerações Finais, em que são reiteradas as informações apresentadas durante todo o trabalho e em que há a demonstração do alcance dos objetivos anteriormente propostos, além da verificação da resposta à problemática apresentada.

2 A LITERATURA E OS GÊNEROS LITERÁRIOS

O termo *Gênero* remonta a origens antigas, cujo significado vem do latim *genus*, sendo definido por “genero, avi, atum (genus), gerar; dar o ser a; produzir em geral; compor (uma obra lit.)” (Torrinha, 1937, p. 359). Assim sendo, os Gêneros nada mais são que textos ou conteúdos, que, por suas características em comum, pertencem a um mesmo grupo e não a outro. Deste modo, os gêneros que apresentarem as mesmas características vão pertencer à mesma família, havendo uma divisão entre elas bastante clara e significativa.

Dessa forma, Aristóteles, em *A Poética*, discorre a respeito dos gêneros literários, a saber: Comédia (neste fazendo breves menções, prometendo tratá-la em uma obra posterior), Tragédia – ambos dentro do Drama – e a Epopeia, pertencente à Narrativa. O autor faz uma importante análise a respeito de cada um, acentuando quais são suas características inatas e como um bom texto de cada gênero deve ser composto. Desta maneira, Aristóteles concebe, de maneira geral, as principais características constitutivas dos gêneros supracitados.

Para melhor elaborar sua teoria dos Gêneros, Aristóteles engendra uma distinção bastante curiosa, dividindo os gêneros literários entre os que procuram imitar ações de homens inferiores, sendo este a Comédia, e os que procuram imitar homens superiores, a Tragédia. Faz-se necessário, porém, mencionar que essa distinção de Aristóteles não é a verdade absoluta, mas apenas uma observação que diz respeito à sua visão sobre a construção do texto literário. Ainda nesse sentido, Wellek e Warren (2003, p. 314), em sua obra *Teoria da Literatura e Metodologia dos Estudos Literários*, destacam que “Aristóteles [...], após a discussão de critérios conflitantes, concedeu o primeiro lugar à tragédia, enquanto os críticos da Renascença, mais coerentemente, preferiram a epopeia”.

A teoria de Aristóteles discorre que estes mesmos gêneros ou textos de uma mesma família foram criados para imitar a realidade da vida, pois é natural ao homem imitar. Desse modo, afirma ele, na *Poética*: “Ao homem é natural imitar desde a infância – e nisso difere ele dos outros seres, por ser capaz da imitação e por aprender, por meio da imitação, os primeiros conhecimentos -; e todos os homens sentem prazer em imitar” (Aristóteles, 1999, p. 40).

Baseado e fundamentado na ideia da imitação da realidade, os gêneros são concebidos. O homem não se contenta somente no viver e se relacionar, mas, muitas vezes, para sua distração ou até mesmo para tentar explicar aquilo que de que não tem conhecimento, cria histórias e situações que remetem àquilo que acontece na realidade.

Os Gêneros Literários, sendo três (Lírico, Épico e Dramático), como base para os demais que surgem, posteriormente, abrangem áreas diversas da vida. A partir do conhecimento de um e da mistura deste com outro, os gêneros foram sendo criados e transformados ao longo do tempo. Nesse sentido, Lopes (1997, p. 2), afirma que:

[...] se origina a subdivisão dos gêneros em espécies; as espécies, em fôrmas ou formas, no sentido primitivo da palavra: como formas fechadas ou mais ou menos fechadas. A tripartição genérica se fundamenta na natureza das obras unitárias, predominantemente líricas ou épicas ou dramáticas.

Sendo assim, é importante entender que a tríade divisão dos gêneros (lírico, épico e dramático) é a base para que outros diversos gêneros possam vir a surgir ao longo dos anos. Uma obra denominada de um gênero e não de outro é assim designada por conter em si, como lembra Lopes (1997), predominância de características semelhantes àquele gênero.

Em busca desse entendimento, faz-se fundamental analisar os aspectos essenciais de cada gênero, para se entender e diferenciar um dos outros. Muitos autores trazem os gêneros com uma divisão diferente da de Aristóteles (pois ele construiu uma teoria para os gêneros que eram destinados ao Drama, ou seja, a encenação), mas uma divisão facilmente complementa a outra. Esses estudiosos da área propuseram a seguinte divisão: Gênero Lírico, Gênero Épico ou Narrativo e Gênero Dramático.

O gênero lírico difere do épico, que, por sua vez, difere do dramático por uma série de fatores. Nessa perspectiva, destaca-se a visão de Welles e Warren (2003, p. 306), visto que para os autores: “o gênero literário não é um mero nome, pois a convenção estética da qual participa uma obra forma o seu caráter”.

A começar pelo gênero lírico, entende-se este como aquele que, normalmente, é constituído em versos, apresentando muitas vezes ritmo e, às vezes, rimas, como a melodia, e que, mais que relatar algo, apresenta relação com

os sentimentos, além de carregar em si muita subjetividade. Atualmente, a concepção desse gênero já mudou consideravelmente e esse tipo de poesia muitas vezes não precisa apresentar rimas ou um ritmo preciso.

O gênero épico refere-se a narrativas de grandes feitos heroicos. Concebidas, em primeiro momento, em versos, hoje em dia já são também escritas em prosa e é a forma como são mais encontradas. Nesse tipo de roteiro, as histórias costumavam contar as ações de diversos heróis em guerras e aquilo que tinham vivenciado, muitas vezes, trazendo a participação ativa de deuses ou monstros da mitologia.

Uma nova concepção existe atualmente para se designar os textos que se assemelham ao gênero épico. Os textos que contam histórias, de forma narrativa, trazendo em si os elementos que esse gênero exige, são denominados textos narrativos. Nesse tipo de texto, podem-se incluir os romances, as novelas e as histórias sagradas, por exemplo. Estes escritos vão apresentar alguns subsídios pertencentes a esse tipo de texto e é nesse gênero que o livro de Jó se faz presente, sendo, mais especificamente, uma narrativa trágica.

Nesse sentido, Angélica Soares (1993, p. 42), no livro *Gêneros Literários*, afirma que:

O romance vem a ser a forma narrativa que, embora sem nenhuma relação genética com a epopeia [...] a ela se equivale nos tempos modernos. E, ao contrário da epopeia, como forma representativa do mundo burguês, volta-se para o homem como indivíduo. Não tendo existido na Antiguidade, essa forma narrativa aparece na Idade Média, com o romance de cavalaria como ficção sem nenhum compromisso com o relato de fatos históricos passados.

Contrário ao gênero épico, que tratava dos feitos de grandes heróis e de guerras, como mencionado, além de se preocuparem, de algum modo, com a historicidade envolvida nas narrações, as narrativas atuais se preocupam com a vida comum, com o homem comum e suas vivências, colocando em si a ficção, mas envolvida da verossimilhança habitual à atualidade. O personagem comum ao romance é o homem comum e não mais somente heróis e deuses. Jó, na narrativa, é um homem comum tendo, como diferencial em relação aos outros homens, o temor e respeito a Deus, o que o faz vivenciar uma história tão particular.

Os elementos que compõem esse gênero são um apanhado de “características” que o fazem comum com outros de sua classe, mas que trazem em

si as noções que esse gênero precisa para existir. Entre os elementos da narrativa, os mais conhecidos são o enredo, as personagens, o tempo, o espaço, o narrador e o foco narrativo.

O gênero Dramático, por sua vez, faz alusão aos textos que foram construídos para serem encenados em peças teatrais. São eles bem diferentes dos gêneros épicos e narrativos. Ainda como imitações da vida humana, pois, como dito, é natural ao homem imitar desde seu nascimento, eles criam textos e histórias, sendo possíveis de acontecer ou até mesmo recheadas de imagens ilusórias para que possam ser apresentadas a um público em um ambiente propício, nos grandes espetáculos.

Aristóteles (1999, p. 41) vai além, pois, ao conceber esses gêneros, dá ainda a ideia de outras divisões subjacentes às primeiras, quando afirma que:

Uma vez criadas a tragédia e a comédia, os poetas, segundo a inclinação natural, tendiam a uma ou outra; alguns, em lugar de jambos, escreveram comédias; outros, em vez de epopeias, voltaram-se para a tragédia, por ser superiores e mais estimados do que os primeiros.

Apesar da asserção aristotélica de que a tragédia pertence ao gênero dramático, sendo, desse modo, elaborada para a encenação, existem muitas narrativas trágicas, nas quais diversas características do trágico são encontradas. Alguns autores não chegam a distinguir o trágico da tragédia, levando em consideração as características que têm em comum.

Nessa perspectiva, Costa (2016, p. 11) em *Caminhos do Trágico* enfatiza que:

[...] mais do que apenas um gênero literário, nascido e restrito ao teatro, a tragédia e o trágico se referem a própria relação dialética do homem com a natureza e consigo mesmo. [...] a tragédia invoca os elementos mais profundos do homem a aparecer alternando sentimentos díspares como dor e alegria, por exemplo. [...]. É dessa relação contraditória e necessária entre vida e morte, homem e Deus, felicidade e sofrimento que o trágico [...] transcende e permanece presente em toda a filosofia e literatura que lhe é posterior.

A teoria da Tragédia, criada por Aristóteles, difere da Teoria do Trágico, em certos aspectos, de alguns autores, como Albin Lesky, em sua obra *A Tragédia Grega*, por exemplo, que utiliza as teorias aristotélicas, destacando que: “Toda a

problemática do trágico, por mais vastos que sejam os espaços por ele abrangidos, parte sempre do fenômeno da tragédia ática e a ele volta” (1996, p. 23), mas faz a elas novas observações, pois Aristóteles, ao criar as formulações sobre o assunto, o faz para se referir somente ao gênero tragédia, feito para a encenação, enquanto Lesky discorre sobre a narrativa trágica, objeto de estudo desse trabalho.

Desse modo, aquilo que é considerado trágico não é compendiado somente ao gênero dramático, apesar de ter nascido nele e ser, em primeiro momento, destinado para um público, como sugere Aristóteles, na Poética. A narrativa trágica difere do drama trágico, apesar de a ele se assemelharem alguns pontos, mas ambos tratam, de maneira geral, de histórias cheias de infelicidades, desastres e tristezas.

Alguns autores, como Szondi (2004), em *Ensaio sobre o Trágico*, contestam a obra aristotélica como obra primordial a respeito do trágico. Como afirma o autor “o escrito de Aristóteles pretende determinar os elementos da arte trágica; seu objetivo é a tragédia, não a ideia de tragédia” (p. 23). Por isso, é de se pensar se as noções a respeito do que é considerado trágico existem desde os tempos da Antiguidade ou são mais recentes. O estudioso ainda afirma que “até hoje, os conceitos de tragicidade [*Tragik*] e de trágico [*Tragisch*] continuam sendo fundamentalmente alemães [...]” (p. 24).

O gênero trágico é, por sua vez sempre novo. Apesar de sua descrição antiga, remontando aos tempos da antiguidade, a atualidade do trágico é persistente. Em diversos tipos de textos o aspecto trágico é encontrado, mesmo atualmente. Além disso, esse gênero é abundantemente procurado por muitos leitores.

Voltando à perspectiva da tragédia clássica, que tem a forma do drama, Aristóteles (1999) a vê como um gênero superior, pois, ao procurar imitar os homens, busca imitar os homens superiores, de uma categoria mais elevada. Além disso, ele afirma que foi pouco a pouco que este gênero foi se desenvolvendo, pois se deu sua amplificação à medida em que as características que eram próprias a esse gênero passaram a se desenvolver.

Referindo-se à comédia, Aristóteles faz menção a ser ela uma “imitação de gentes inferiores”, pois para ele o cômico não tem em si algo de elevado ou sublime, mas é mais jocoso ou grotesco e, em sua análise “o grotesco é um defeito, embora ingênuo e sem dor [...]” (Aristóteles, 1999, p. 42).

Referindo-se ainda à tragédia, esta, para que aconteça dentro do esperado e desejado, deve ter, para Aristóteles, um tamanho não muito extenso. Isso se faz por levar ele em consideração a tragédia tendo como fim a encenação. Quando se refere às narrativas trágicas, a extensão não é um problema em si, pois, o necessário é que a história possa ser totalmente contada, sem deixar passar nada que seja necessário para o leitor/apreciador compreender bem a mensagem que quer ser transmitida.

Além disso, é extremamente necessário que os atores que fazem esse tipo de encenação estejam desempenhando eles mesmos o papel ao qual forem destinados, ao invés de somente narrarem o fato. Nesse sentido, Aristóteles (1999, p. 43) diz que:

A tragédia é uma representação de uma ação elevada, de alguma extensão e completa, em linguagem adornada, distribuídos os adornos por todas as partes, com atores atuando e não narrando; e que, despertando a piedade e temor, tem por resultado a catarse dessas emoções.

Entende-se a “catarse” como uma singular sensação causada no público, após contemplar toda a cena da tragédia. Ao se assistir a uma boa peça catastrófica, o sentimento que a plateia desfruta é de se conectar ao sofrimento apresentado, sentindo, ela mesma, toda dor que lhe foi transmitida.

Os elementos do trágico podem existir, apesar de não resultar, necessariamente, de uma encenação. Dor, sofrimento, contrariedades, catástrofes e terrores são alguns dos atributos do trágico e, por isso, grande parte dos textos que apresentem essas particularidades podem ser lidos criticamente como dotados de componentes trágicos, sendo peças ou narrativas. Como menciona Aristóteles (1999, p. 45) “o efeito da tragédia se manifesta mesmo sem representação e sem atores [...]”.

Entre diversas outras características iminentes a uma boa tragédia, há o fato de que é necessária a existência de falas, na forma de diálogo ou monólogo, que tornam o ato que está sendo transmitido muito mais real e convincente. Nas narrativas trágicas isso também acontece, e em Jó, de forma particular, isso também se faz presente. A fala deve ser clara e todos precisam entender aquilo que está passando. Na narrativa de Jó, as falas dos personagens (Jó e seus amigos: Elifaz de Temã, Baldad de Suás, Sofar de Naamat e Eliú, que aparece posteriormente,

além de *lahweh*) são transmitidas ao leitor através de diálogos. Pequenos textos, representando a fala dos personagens, em forma de conflito, são elencados e distribuídos ao longo da narração.

Também é interessante mencionar que, conforme Aristóteles, uma boa tragédia deve conter ações que causam terror e piedade naqueles que a acompanham. Ao contrário de outros diversos textos, a natureza do texto trágico é ter como finalidade não a felicidade, podendo esta estar sim presente em alguns momentos, mas sendo a desventura e os infortúnios os pontos-chave de todo o drama.

Além do mencionado, os atos da tragédia têm que se seguir uns aos outros numa relação de causa e efeito. Por mais que esta seja uma informação um tanto evidente, um texto no qual as informações não são bem distribuídas nem logicamente motivadas não agradam ao leitor, que se cansa facilmente. Do mesmo modo, uma peça teatral que não contém em si uma sequência que não faça sentido não despertará no espectador o desejo de continuar a vê-la.

Ainda para Aristóteles (1999), é mais interessante ao escritor que conte em suas obras sobre projeções futuras, pois estas darão um teor mais interessante àquilo que está sendo mimetizado. A diferença do texto dramático, citado por Aristóteles, para a narrativa é que esta não vai narrar, normalmente, acontecimentos futuros, mas faz o relato partindo de acontecimentos já vividos. Nesse sentido, Santana (2019, p. 12) vai além e afirma que “[...] só nos é possível narrar aquilo que já aconteceu, a experiência passada e já vivida que rememoramos por meio da memória e da narrativa”.

Apesar da tragédia conter em si aspectos que remetem aos infortúnios, à felicidade, como mencionada anteriormente, podem também existir nos acontecimentos do trágico. Ela pode estar disposta antes do mal acontecer, por exemplo, e ser um pequeno momento de alegria que fará o leitor da narrativa se envolver ainda mais com os acontecimentos. Na narrativa de Jó, esse momento de alegria está presente nos encontros de Jó com seus filhos e nas festas que eram comuns entre eles. Logo em seguida, e é interessante que seja sem muita demora, o ato de crueldade ou atrocidade possa vir a acontecer.

Segundo Aristóteles (1999), no drama, toda tragédia deve conter em si a *catástrofe*. Esta se caracteriza como a prática que tem como resultado os muitos sofrimentos e danos. Aristóteles dá como exemplo de catástrofes as mortes em

cena, que são causadas, muitas vezes, com dores, grandes tormentos, torturas, sofrimentos gigantescos ou atos semelhantes. Nas narrativas isso também acontece. Por isso, podemos dizer que os textos narrados, como Jó, podem conter diversos episódios catastróficos.

Conforme Aristóteles, a ação da tragédia evolui da felicidade para a infelicidade, ocorrendo o contrário na comédia. Todavia, nem todas as tragédias terminam com finais catastróficos. É o que verificamos no final da *Oréstia*, de Ésquilo; no *Filoctetes*, de Sófocles; no *Alceste*, de Eurípides, dentre outros exemplos.

A vida de Jó, como um todo, detalhada ulteriormente, apresenta essas características. Ao ser tentado por Satã, com a permissão divina, Jó passa por momentos ímpares de dor e tormento. A perda de seus bens, suas propriedades e animais trazem a ideia de catástrofe de forma muito incisiva. Esta ideia, além disso, torna-se ainda mais presente na perda de seus filhos para a morte, perda esta que nunca poderá ser restituída.

Compreende-se, por fim, que as noções a respeito daquilo que é uma obra trágica não se esgotam nessas concepções de Aristóteles, assim como naqueles que seguem a noção por ele concebida. Muitas outras vertentes estudaram e continuam a estudar esse gênero e continuam a lhe dar seguimento com uma visão ainda mais aberta dos estudos a respeito dos gêneros literários.

Nessa perspectiva, Lesky (1996) expõe sua visão acerca da narrativa trágica, trazendo uma contribuição bastante singular, tendo em vista que para o autor os gregos criaram a arte trágica, a arte de fazer tragédias, mas não desenvolveram nenhuma teoria do trágico que fosse além disso, que abrangesse os outros aspectos, como as causas do sofrimento humano.

Contrária à Tragédia, a Comédia concebida por Aristóteles engendra a convicção de que os textos pertencentes a este campo são inferiores aos do campo anterior, a saber, a tragédia. Ao contrário do texto trágico, o cômico procura causar no leitor ou apreciador não a dor ou o sofrimento, mas a calma e a tranquilidade, além de ter, muitas vezes, o aspecto do riso bastante presente.

Muitas vezes, os personagens das tramas cômicas podem passar por situações ruins e que os levam a pensar que tudo desandou, assim como fazem aqueles que consomem o conteúdo pensarem também, mas há a presença da reviravolta e o final satisfatório acontece. O trágico, por sua vez, não apresenta

momentos longos de satisfação. Nas poucas vezes em que eles estão presentes, fazem-no somente para melhor construção, pois o foco maior está nas contrariedades e descontentamentos.

Só se fala sobre o que se conhece do mesmo modo que só se constrói algo partindo do conhecimento prévio que se tem sobre o assunto. Desse modo, se determinado autor busca criar histórias cômicas ou mesmo trágicas, mas não conhece as especificidades de cada uma, corre um grande risco de ter um texto mal construído e que não chamará a atenção daquele que lê ou assiste a tal obra.

Corre-se um grande risco, ao escolher um determinado gênero e não o conhecer bem, de deixar a desejar nos aspectos favoráveis à tal categoria. Por isso, é necessário que aquele que escolhe trabalhar um gênero tenha em mente quais são as necessidades que o texto impõe.

São vastas as características de cada texto e, mesmo pertencente a um gênero, ele pode ter em si diversos aspectos ou atributos que, em um primeiro olhar, seriam classificados como pertencentes a outra classe. Isso mostra a grande heterogeneidade desse campo.

É questionável a ideia de que todo gênero tem suas especificidades, como já reiterado diversas vezes nesta pesquisa, pois, para se pertencer a uma categoria e não a outra, ele o faz por meio das características comuns a determinados textos que faltam em outros, mas que entre si são sempre presentes.

Porém, quando se compreende que um gênero não é um texto engessado ou inflexível, pode-se ver nele diversos caminhos. Um texto tipicamente trágico, pode ter em seu caminho momentos de alegria, desde que sirvam para construir bem a história e darem a ela um sentido específico, não sendo, porém, seu fim último a felicidade. Nesse sentido, Afirma Lopes (1997, p. 2) que:

vale dizer: ao mesmo tempo os textos se adequam aos gêneros e os subvertem, ou seja, partem deles e os ultrapassam. Por isso, não há possibilidade de qualquer obra representar exclusiva e cabalmente um gênero; em decorrência, tampouco podem exemplificar integralmente uma espécie ou uma forma.

Um gênero não pode ser concebido como sendo puro e acabado em si mesmo, pois, ao ser produzido para determinada categoria, como um texto sendo elaborado para pertencer ao gênero trágico, por exemplo, o faz por ele conter em si mais atributos deste gênero que de outro, mas isso não quer dizer que somente a

tristeza, o terror e a piedade serão encontrados nele. Um gênero, por mais bem construído, pode conter sempre algumas, mesmo que poucas, características de outros.

Trabalhar os gêneros e com os gêneros literários é, ao mesmo tempo desafiador, fascinante. Ao adentrar no universo literário, é impossível não se deparar com estes, seja para melhor ler um texto ou para analisá-lo. É importante conhecer cada um, pois, partindo deste conhecimento, o leitor/apreciador de determinada obra, conseguirá compreender melhor até mesmo o contexto em questão e se aproximar da ideia do autor.

Na atualidade, diversos outros subgêneros dos gêneros literários clássicos, difundidos por Aristóteles, em sua *Poética*, já foram criados. Além da Epopeia, do Drama, incorporando aqui o trágico e o cômico, além do gênero Lírico, têm-se algumas separações criadas, como o gênero Narrativo, como já mencionado, por exemplo, surgido do gênero épico, mas que não mais conta história somente de deuses ou heróis, mas agora trata de assuntos comuns ao dia a dia e às pessoas de diversos extratos sociais.

Essa noção mostra que, ao longo do tempo, os gêneros podem ir não só se reinventando a cada nova obra e a cada novo olhar do autor, como também podem ser criados novos gêneros com o passar do tempo.

Cada época traz em si diferentes pessoas, ideias, crenças, olhares, desejos, perspectivas, interpretações etc., de diferentes aspectos existentes no mundo. Desse modo, as noções trabalhadas anteriormente e os desejos dos autores de épocas remotas podem não ser (e normalmente não são) as mesmas dos autores da atualidade.

Nesse sentido, a literatura é uma das muitas formas de expressão do homem no mundo. Diante daquilo que vive e experimenta, constrói uma nova forma exteriorizada da realidade que o cerca. Por isso, dentre muitos motivos, as construções literárias se formam de maneiras tão distintas, com muitas significações, conceitos e caracterizações específicas.

As criações literárias nada mais são que aquilo que existe, sendo programado para uma outra forma e sendo destinado, na grande maioria das vezes, ao olhar e apreciação de outras pessoas. Todas essas criações existem, pois, de algum modo. Compreende-se, todavia, que há diversas obras que tratam de ficção, de ideias

longe do real ou do possível, mas, ainda assim, essas ideias existem na cabeça do criador, que pretende dar a elas “vida”, de alguma forma.

Ao passar o tempo, as preferências literárias também tendem a mudar e se conectar com o público de cada época, mas algo que sempre se deve levar em consideração é que a noção dos gêneros, criados desde a antiguidade clássica, ainda faz parte das obras de todos os tempos.

Contemplando este segundo capítulo, compreendemos que o primeiro objetivo específico foi refletido e discorrido, visto que apresentou as principais características que compõem os gêneros literários.

3 A BÍBLIA COMO TEXTO LITERÁRIO

Muitos autores têm considerado as Sagradas Escrituras - antigo e novo testamentos - como um dos mais importantes objetos de estudo literário do ocidente. Por outro lado, imaginar a *Bíblia* sob uma perspectiva literária talvez não seja, para muitos, um exercício tão fácil e natural, pois se costuma entender, desde muito tempo, a *Bíblia* unicamente como Livro Sagrado, destinado a ser exclusivamente a fonte da revelação e da lei de Deus, tanto para o povo hebreu quanto para os cristãos.

Nessa perspectiva, como é comum entender a *Bíblia* unicamente a partir desse viés, os estudos que envolvem o Livro Sagrado são muito restritos e, somente aos poucos, vão ganhando maior notoriedade na área dos estudos literários. Conceber a *Bíblia* como literatura é de extrema importância para a atualidade, haja vista que a obra tem ganhado muito espaço nas universidades e centros de ensino.

Nesse sentido, Gabel e Wheeler (2003, p. 73), em seu livro *A Bíblia como Literatura* afirmam que:

Boa parte do trabalho preliminar no estudo da Bíblia como literatura envolve a remoção de incompreensões que se desenvolveram em torno da Bíblia em função de sua sacralidade aos olhos dos fiéis. Na base de todas essas compreensões errôneas, está a compreensão da Bíblia como um documento único, completo e integral, não modificado e imutável, que transcende as condições da vida na terra.

Pode-se entender então que este livro pode sim exercer todas estas funções, visto que suas narrativas estão, em grande parte, falando de um Deus, criador de

tudo e de todos e que espera da parte de toda a sua criação uma justa retribuição em amor, respeito e até mesmo adoração, porém, não deixa de ser um livro que contém inúmeras perspectivas de grande interesse para os estudos literários.

Compreender os diferentes panoramas desse livro tão considerável não é uma tarefa tão fácil a ser realizada em um trabalho dessa natureza, mas as considerações a respeito dele devem ser observadas e estudadas sempre que se fizer possível e necessário, diante dos ambientes que lhe colocarem como essencial.

A *Bíblia*, como mencionado, foi por muito tempo tratada como um livro voltado somente para a fé e sua doutrina. Os fieis costumavam, de forma muito devota, tomar para si o Livro Sagrado e se apropriarem dele para seus cultos a Deus. Isto, de fato, não deixa de ser algo importante e de direito de cada cidadão que se diz cristão, pois a *Bíblia* é um livro judaico-cristão, mas, pelo tamanho de sua visibilidade no mundo, ele deve ser mais conhecido e estudado.

Gabel e Wheeler (2003, p. 17), discorrendo sobre isto, mencionam que:

[...] a Bíblia é um conjunto de escritos produzidos por pessoas reais que viveram em épocas históricas concretas. Como todos os autores, essas pessoas usaram [...] as formas literárias então disponíveis para a autoexpressão, criando, no processo, um material que pode ser lido e apreciado nas mesmas condições que se aplicam à literatura em geral, onde quer que seja encontrada.

Por ser um livro tão importante para a história da civilização do mundo ocidental, a *Bíblia* é muito conhecida e difundida. Em suma, suas histórias contam temas diversos e é uma obra fundamental, visto que abarca povos e culturas que perpassam fronteiras ao longo do tempo.

Esta pesquisa parte da *Bíblia* Católica, edição de Jerusalém (2019). Neste volume há uma compilação de 73 livros que tratam de diversos temas, como a vida dos primeiros homens ou inúmeras guerras ao longo dos primeiros anos da existência, por exemplo, mas que, no geral, envolvem sempre a existência de Deus, sua ação criadora e sua participação no mundo e na vida dos povos da região do Oriente Médio.

Não se sabe ao certo a data exata em que a *Bíblia* começou a ser escrita. Estima-se, porém, que seus primeiros escritos datam de 1.250 anos antes do nascimento de Cristo, na região do Oriente Médio. Seus escritores não podem também serem todos afirmados, visto que as datas e lugares são incertos e

imprecisos, mas alguns livros contidos no volume bíblico foram produzidos por autores específicos, em épocas posteriores.

Nesse sentido, Frye (2021, p. 64) acentua a ideia sobre os estudos bíblicos e comenta o surgimento da *Bíblia* de uma maneira poética e singular, ao dizer que “[...] tradicionalmente presume-se que a Bíblia seja a retórica de Deus, ajustada à inteligência humana e vinda até nós por meio de agentes humanos. [...]. Mas a crença popular é de que a Bíblia tenha surgido de um tempo fora do tempo”.

Composta por vários livros, a *Bíblia* contém também diversos gêneros, tanto textuais, quanto literários. Fazendo uma junção dessas ideias à noção dos gêneros literários, tendo como fundamentação principal nesse tópico *A Poética*, de Aristóteles, pode-se, sem dúvida alguma, também conceber um elo entre os dois pontos: *A Bíblia* e a Literatura.

Os gêneros literários, já mencionados e especificados, têm características bem particulares, e muitos textos são a eles associados por terem em si essas particularidades. Por ser de uma extensão singular, a *Bíblia* tem a presença desses diversos gêneros.

Há histórias de grande tristeza e lamentação, como o próprio Livro das Lamentações, no antigo testamento, que tem sua autoria atribuída ao profeta Jeremias, assim como há histórias de grandes heróis de guerra, como Sansão, por exemplo, que foi um grande guerreiro e juiz, que, com uma força insuperável, vencida os filisteus que desejavam mal ao povo de Israel e praticavam o mal sobre eles, além da presença de seres maravilhosos, poesias etc., fazendo com que a presença de gêneros líricos ou narrativas de caráter trágico ou cômico sejam facilmente encontrados e estudados sob esse viés.

A *Bíblia* foi primeiramente traduzida de seus textos originais para o grego (séc. III a. C.), em Alexandria. Posteriormente, foi traduzida para o latim, em um período onde o acesso às Sagradas Escrituras se tornou mais fácil, por São Jerônimo, entre o final do século IV e início do século V. Por um período de aproximadamente vinte anos, segundo dizem as tradições, São Jerônimo se empenhou em traduzir, dos textos originais a que tinha acesso, a *Bíblia*, para todo o povo que a quisesse consumir.

Desse modo, através deste grande ato, a *Bíblia* passou a ser difundida e cada vez mais conhecida e expandida no mundo ocidental a todas as pessoas. Antes deste ato, somente aqueles que eram mais instruídos nas línguas nas quais a *Bíblia*

se encontrava disponível (aramaico, hebraico e grego) é que tinham acesso a ela e podiam conhecer suas histórias.

Quando se fala em *Bíblia*, como literatura, se cria uma grande noção de que, além de ser entendida como a história e a cultura de um povo, que pertencem a uma religião e que deve ser por todos respeitada, enquanto forma de culto ao divino, também faz parte da arte literária, pois, como afirma Coutinho (1978, p. 9-10), “a literatura, como toda arte, é uma transfiguração do real, é a realidade recriada através do espírito do artista e retransmitida através da língua para as formas, que são os gêneros, e com os quais ela toma corpo e nova realidade”.

A *Bíblia* pode ser entendida como literatura pela sua imensa extensão, não só em texto escrito, mas em histórias diversas de povos distintos. Nela, a expressão de um povo muito antigo é encontrada, um povo que vivia numa realidade tão única, servindo a um Deus que, de muitas maneiras, sustentava-os enquanto seu rebanho. Além disso, os temas são vastos, como vastos são seus livros, escritos em muitas épocas diferentes entre si, mas fazendo sempre alguma referência ao Senhor, seja de que modo fosse.

Por fazer parte da literatura, muitos autores vêm, a cada dia, fazendo emergir os estudos sobre esse tema. Ao longo dos últimos anos, as análises e reflexões sobre esse tema crescem dia a dia, fazendo com que a diversidade dos estudos literários sejam cada vez maior. Nas universidades e nas editoras, por exemplo, esse tema é cada vez mais encontrado e consumido.

A Igreja Católica, após o Concílio de Trento, no século XVI, em 1545, apresenta a *Bíblia* como sendo um livro com uma divisão singular, pois as temáticas abordadas por cada um destes livros são comuns entre si. Cada um dos livros bíblicos possui em si diversas características e propriedades singulares, conforme veremos.

As igrejas protestantes apresentam outro formato. Ao passo que Lutero começou a Reforma Protestante, em 1517, ele retira da *Bíblia* sete livros: *Tobias*, *Judite*, *Sabedoria*, *Eclesiástico*, *Baruc*, *1 Macabeus* e *2 Macabeus*.

Antes de tudo, é importante apresentar a divisão da *Bíblia* que se dá da seguinte forma: No Antigo Testamento tem-se Pentateuco, contendo os livros *Gênesis*, *Êxodo*, *Levítico*, *Números* e *Deuteronômio*; Livros Históricos, contendo *Josué*, *Juízes*, *Rute*, *1 Samuel*, *2 Samuel*, *1 Reis*, *2 Reis*, *1 Crônicas*, *2 Crônicas*, *Esdras*, *Neemias*, *Tobias*, *Judite*, *Ester*, *1 Macabeus* e *2 Macabeus*; Livros

Sapienciais, contendo *Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes, Cântico dos Cânticos, Sabedoria e Eclesiástico*; Livros Proféticos, contendo *Isaías, Jeremias, Lamentações, Baruc, Ezequiel, Daniel, Oséias, Joel, Amós, Abdias, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuc, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias*.

Adentrando no Novo Testamento, a divisão acontece desta maneira: Evangelhos, contendo *Mateus, Marcos, Lucas e João*; Atos dos Apóstolos; Cartas Paulinas, contendo *Romanos, 1 Coríntios, 2 Coríntios, Gálatas, Efésios, Filipenses, Colossenses, 1 Tessalonicenses, 2 Tessalonicenses, 1 Timóteo, 2 Timóteo, Tito, Filêmon e Hebreus*; Cartas Universais, contendo *Tiago, 1 Pedro, 2 Pedro, 1 João, 2 João, 3 João, Judas*; e o Livro do Apocalipse.

Cada uma das divisões, aqui apresentadas, mostra certa especificidade de cada livro e, como dito, também reúnem determinados livros com as mesmas características em um mesmo grupo. O Pentateuco, por exemplo, refere-se aos cinco primeiros livros da *Bíblia: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio*, que, tanto na cultura judaica, como na cultura cristã, tratam da criação do mundo, dos homens, dos animais e todas as coisas, a conquista de Canaã pelo povo hebreu que havia saído do Egito, indo até a morte de Moisés.

O Pentateuco envolve, como dito, os cinco primeiros livros da *Bíblia* e é por muitos judeus conhecido como a “Lei” ou “Torá”. Isso se dá, de forma especial, por se encontrarem nele os dez mandamentos ou as dez leis que Deus deu ao seu povo, através de Moisés. Neste conjunto de livros, o gênero que domina é a narrativa, pois são histórias que são contadas, desde a criação do mundo.

Uma introdução ao Pentateuco, na *Bíblia* de Jerusalém (1999), traz a informação de que o povo judeu, com desejo de obter cópias desse livro fez nele uma divisão do texto em cinco rolos, que tinham em si um tamanho quase igual, surgindo então este nome: *Pentateuchus*. Os judeus hebraicos, ainda com suas percepções próprias a respeito deste livro e de outros, chamaram-no “Os cinco quintos da Lei”. Cada um desses livros tem uma história em particular, trazendo em si uma identidade e uma conformidade.

Em seguida, há os Livros considerados Históricos: *Josué, Juízes, Rute, Primeiro Samuel, Segundo Samuel, Primeiro Reis, Segundo Reis, Primeiro Crônicas, Segundo Crônicas, Esdras, Neemias, Tobias, Judite, Ester, Primeiro Macabeus e Segundo Macabeus*. Nesse conjunto de livros, há uma presença muito grandiosa da história do povo de Israel e da Mão de Deus sobre eles. De modo geral, as histórias

retratadas nestes livros se referem a vida dos hebreus após a conquista da Terra Prometida, Canaã, após a saída do Egito e a peregrinação durante 40 anos no deserto.

Toda a divisão dos Livros Históricos encontra união em um ponto em comum: trazem em si muitos ensinamentos e advertências de Deus para seu povo. Deus, em sua bondade e magnanimidade, oferece à pessoa humana uma aliança de amor, a qual ele deseja que seja indissolúvel. O povo, porém, como mencionado anteriormente, não consegue manter a aliança com Deus, como deveria. Desse modo, desobedece-lhe e peca contra ele infinitas vezes. Dentro dos Livros Históricos, constitui-se o gênero narrativo como dominante. Há a presença da contação das histórias vividas pelo povo de Israel, em que a mão de Deus prevalecia sobre eles.

Adiante, encontram-se os Livros designados *Sapienciais*: *Jó*, *Salmos*, *Provérbios*, *Eclesiastes*, *Cântico dos Cânticos*, *Sabedoria* e *Eclesiástico*. Em particular, os livros que se encontram nesta categoria são muito curiosos. No Dicionário Latino Português, de Francisco Torrinha (1937, p. 769), Sapiencia é definida como “Sapiencia, ae aptidão; capacidade, saber (numa arte ou ciência); sabedoria.” Estes livros trazem em si um conhecimento muito profundo acerca de alguns temas importantes, não só à época, mas ainda nos dias atuais. Os livros Sapienciais também são constituídos, em grande parte, por narrativas. A diferença deles para as demais narrativas é porque, nesses textos, as histórias que são transmitidas têm caráter catequético, ou seja, o objetivo é passar uma mensagem de sabedoria a respeito de Deus ou da fé, como acontece com o livro de Jó. Há, porém, uma excepcionalidade: o livro dos Salmos, visto que neles, a dominância é do gênero lírico, pois é composto de textos em verso, com caráter subjetivo e reflexivo, compostos, muitas vezes, para orações.

A sabedoria encontrada nos Livros Sapienciais não é uma sabedoria de teor filosófico ou estudos semelhantes. Envolve, acima de tudo, o conhecimento adquirido a partir de uma vivência de determinados acontecimentos. A Introdução aos Livros Sapienciais na *Bíblia* de Jerusalém, traz a seguinte informação:

Esta sabedoria é internacional. [...]. Esclarece o destino dos indivíduos, não por uma reflexão filosófica à maneira dos gregos, mas colhendo os frutos da experiência. É uma arte de viver bem e um sinal de boa educação. Ensina o homem a se conformar à ordem

do universo e deveria dar-lhe os meios de ser feliz e prosperar. Mas nem sempre isso acontece; por isso, esta experiência justifica o pessimismo de certas obras de sabedoria [...] (Bíblia de Jerusalém, 2019, p. 797).

Dentro dos Livros Sapienciais, um dos mais conhecidos e mais difundidos ao longo da cristandade é o Livro de Jó, tema central deste trabalho. De modo geral (visto que ainda será detalhada a sua história no capítulo seguinte), Jó era um servo de Deus e um homem de muitos bens. Casado, tinha filhos, animais e terras. Sempre foi fiel a Deus, durante toda a sua vida e, então, vivia de maneira muito tranquila.

Em determinado momento, partindo de uma permissão divina, Jó começa a passar por situações muito difíceis em sua vida, as quais ele nunca esperava, pois a crença antiga era a de que somente os maus, aqueles que cometiam pecados, eram alvo dos castigos divinos. Jó, ao contrário do esperado, não se contraria com o Senhor e espera que dele venha também seu socorro nesse momento de tribulação.

A história de Jó confirma a introdução aos Livros Sapienciais, pois é uma história que traz uma sabedoria incalculável, principalmente, para aqueles que confiam em Deus para que se conformem à sua vontade, mesmo quando esta não for tão agradável. Sendo assim, a sabedoria trazida não diz respeito à filosofia ou à razão propriamente dita, mas perpassa esses dois campos, indo em direção à experiência humana que, ao se deparar com sofrimentos infindáveis, confia em Deus, assim como Jó, para superar as dificuldades.

Em seguida, a divisão bíblica apresenta os Livros Proféticos: *Isaías, Jeremias, Lamentações, Baruc, Ezequiel, Daniel, Oséias, Joel, Amós, Abdias, Jonas, Miqueias, Naum, Habacuc, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias*. Os Livros Proféticos são divididos em *Profetas Anteriores* e *Profetas Posteriores*. Dentro desses livros, a aliança com Deus é ainda mais uma vez reiterada. Como dito, os seres humanos, não sendo perfeitos e buscando sempre uma consolação a mais para as dificuldades que viviam, partiam sempre em busca de um novo deus ou em busca de algo que os pudessem libertar de algum modo das questões existenciais.

Tendo em vista que os profetas pretendem passar ao povo uma mensagem de Deus e anunciar avisos, o gênero que abarca essa divisão também é o gênero narrativo, com suas características e particularidades. Os profetas narram para o povo as mensagens de Deus. A narrativa profética é de um teor particular, pois,

muitas vezes, narra o futuro. Os profetas, ao passarem a mensagem divina, mostram ao povo aquilo que poderá acontecer com eles, futuramente, caso não cumpram os mandamentos e não se voltem para o verdadeiro Deus.

Os profetas são aqueles enviados por Deus para darem ao povo instruções muito particulares sobre as necessidades da época, de acordo com as situações que o povo escolhido por Deus estava passando. Por conta das desobediências constantes, o povo sofria diversos castigos e, como consequência, perdia a amizade com Deus. O Senhor, porém, buscava os profetas para serem os mensageiros, enviando ao povo uma exortação e dizendo quais caminhos deveriam seguir para que pudessem restituir com Ele a sua amizade.

Os Livros Proféticos são os últimos livros do Antigo Testamento. Neles aparece de modo muito particular a esperança na vinda do Messias, aquele que, como prometido por Deus, viria salvar e libertar o povo dos seus pecados e da morte. Após anos e anos em profundos sofrimentos, com tantos momentos de dores e desolações, finalmente o povo de Deus encontraria alívio para suas necessidades, pois o Enviado de Deus estava muito próximo.

Na *Bíblia* de Jerusalém (2019, Isaías, 7, 14), o primeiro dos Livros Proféticos, já havia uma passagem profética sobre a vinda de Jesus, quando diz: “Pois sabei que o Senhor mesmo vos dará um sinal: Eis que a jovem está grávida e dará à luz um filho e dar-lhe-á o nome de Emanuel” (p. 1265). Do mesmo modo, em Miquéias 5, 1-3, uma outra profecia se apresenta:

E tu, Belém-Éfrata, pequena entre os clãs de Judá, de ti sairá para mim aquele que governará Israel. Suas origens são de tempos antigos, de dias imemoráveis. Por isso ele os abandonará até o tempo em que a parturiente dará à luz. Então o resto de seus irmãos voltará para os israelitas. Ele se erguerá e apascentará o rebanho pela força de lahweh, pela glória do nome de seu Deus. Eles se estabelecerão, pois então ele será grande até os confins da terra (p. 1640).

Quando nasce Jesus, esperado e desejado desde tempos antigos, como cita o profeta, cumprem-se estas e outras profecias realizadas em todo o Antigo Testamento. O Messias, ao nascer, traz consigo uma marca muito distinta. João Batista, o último dos profetas, apresentado já no Novo Testamento e, segundo a tradição, primo de Jesus, fala dele como aquele de quem João nem era digno de desatar a correia das sandálias, tamanha era a grandeza do Senhor.

Desse modo, Jesus, nascido de uma Virgem, vem ao mundo e vive uma vida simples e humilde, segundo as narrativas evangélicas. O nascimento de Jesus, após as profecias de João, são os temas que dão início ao Novo Testamento, que é composto pelos quatro Evangelhos: *Mateus, Marcos, Lucas e João*, que narram a história de Jesus e seus grandes feitos, sendo o gênero dominante, portanto, o gênero narrativo.

Dentro dos quatro evangelhos, a vida de Jesus é contada em vários detalhes. Jesus, ao iniciar sua vida pública aos 30 anos, vive uma série de momentos únicos que o fazem ser caracterizado como o Messias. Sua vida é permeada de diversos acontecimentos milagrosos, ensinamentos e admoestações para o povo de Israel, considerado por ele como o povo eleito.

Após os Evangelhos, é o livro dos Atos dos Apóstolos que ganha lugar. Este livro conta a história de como viveram os primeiros cristãos e também como eram as diversas celebrações entre eles, muitas ainda seguindo os rituais como vistos ainda hoje nas celebrações católicas das Missas. No livro dos Atos dos Apóstolos, as vivências das primeiras comunidades são contadas, além disso trata dos costumes dos povos para que os novos cristãos pudessem seguir seu exemplo. As ações do Espírito Santo são contadas e são levadas como exemplo até os dias de hoje. Há, então as narrativas, como gênero dominante.

As Cartas Paulinas: *Romanos, Primeira aos Coríntios, Segunda aos Coríntios, Gálatas, Efésios, Filipenses, Colossenses, Primeira aos Tessalonicenses, Segunda Aos Tessalonicenses, Primeira a Timóteo, Segunda a Timóteo, Tito, Filêmon e Hebreus*. São as que ocupam o maior volume de títulos no Novo Testamento. Nessas cartas, São Paulo escreve a diversas comunidades cristãs, formadas após a ascensão de Jesus (sua subida aos céus), e muito particularmente fala aos Gentios (não Judeus) a fim de lhes comunicar mensagens de grande relevância, além de passar para os recém convertidos os ensinamentos para que se tornem bons cristãos. O gênero de uma carta é dialógico, além de informativo, pois ao ser passado um parecer, espera-se que haja uma resposta. Paulo, em muitos momentos de suas cartas, até menciona o desejo de receber uma resposta.

Quase findando o Novo Testamento, tem-se as Cartas Universais: *Tiago, Primeira Epístola de São Pedro, Segunda Epístola de São Pedro e Judas*. Dentro destas cartas, há ensinamentos e mensagens de outros apóstolos de Jesus: Tiago, Pedro, João e Judas. Seguindo a mesma linha de São Paulo em suas cartas, estes

apóstolos enviam mensagens a algumas comunidades recém formadas cristãs na época para lhes dar algum ensinamento ou lhes fazer alguma advertência mediante um fato acontecido e levado a conhecimento. O mesmo das cartas Paulinas se aplica neste contexto, haja vista que o caráter das Cartas Universais também é informativo e dialógico, tendo como diferença sua autoria, pois esta deixa de ser restrita a São Paulo e passa a abarcar os demais Apóstolos.

Finalizando o Novo Testamento, há o Livro do Apocalipse. Esse livro é amplamente conhecido em todo o mundo, pois conta a profecia da segunda vinda do Messias, que virá, dessa vez, para julgar toda a criação, separando os bons dos maus, aqueles que são dignos do reino dos que são indignos. Aqueles que forem merecedores, entrarão no Reino dos Céus para ali habitar perpetuamente, tendo como prêmio principal a felicidade sem fim e a contemplação da face do Senhor. O gênero do Apocalipse é bem particular. Conta uma história, se caracterizando, assim, como narrativa, mas, ao contrário das narrativas comuns, esta é uma narrativa alegórica, pois em muitos momentos os termos que são utilizados fazem referência a outras coisas. Jerusalém, por exemplo, dentro da narrativa do apocalipse, se refere ao céu. Além disso, conta uma história sobre o futuro, algo que acontecerá no fim dos tempos, e não algo já realizado ou vivido. O livro é uma visão do Apóstolo São João.

Levando em consideração o exposto, a *Bíblia* pode ser entendida como um amplo campo de estudos. À luz da literatura, a *Bíblia* também ganha um novo papel, pois, antes um texto que era conhecido, consumido e difundido como um uma fonte apenas de estudos ligados à religião, agora passa a ser vista com novos olhos.

Evidentemente, para um bom leitor e estudioso da área, conhecer a *Bíblia* é fundamental, pois é partindo desse conhecimento e do contato com cada livro e cada divisão estabelecida e formada a tanto tempo, é que o estudioso terá propriedade e fundamentação necessárias para transmitir conhecimento, à luz das teorias existentes.

A divisão bíblica, como aqui apresentada, não acontece de forma simbólica, visto que cada livro elencado em uma “categoria”, o é pelo fato de ter em si não somente características que o coloquem naquele grupo e não em outro, mas também por serem, segundo a tradição ou escritos em uma mesma época ou em épocas semelhantes, além de poderem também ter autores com as mesmas finalidades em sua escrita.

Toda a *Bíblia* tem sua importância e sua relevância e cada estudo em cada área se preocupa em aprofundar as noções referentes àquele momento ou àquele tema. Como finalidade desse trabalho, o Livro de Jó, como parte do conjunto dos Livros Sapienciais, terá o enfoque maior, pois esse livro apresenta em si mesmo diversos gêneros existentes.

O segundo objetivo desta pesquisa foi elaborado, pretendendo contextualizar a elaboração dos Livros Sagrados que integram a *Bíblia*. Ao construirmos as ideias aqui propostas, verificamos que o objetivo foi alcançado, pois cada divisão bíblica foi contemplada e apresentada de forma precisa e determinada.

4 O GÊNERO TRÁGICO À LUZ DO LIVRO DE JÓ: UMA ANÁLISE

O Livro de Jó é uma das mais importantes obras bíblicas, além de ser uma das mais consumidas em todo o mundo, por ser Jó um dos personagens mais citados e ter uma história com teor sentimental e catequético. Este livro, segundo o que diz a Introdução, na *Bíblia de Jerusalém* (2019, p. 800), é “a obra-prima da literatura do movimento sapiencial”, e por isso, dentre tantos outros motivos, é uma composição literária de grande valor.

Referindo-se ao autor, não se sabe ao certo quem o escreveu ou até mesmo a data de sua redação não são de conhecimento exato. A tradição diz, através de seus estudos, que somente se pode estipular algo sobre seu autor e a época em que foi redigido. Como mencionam Hahn, Mitch e Walters (2022, p. 19), na obra *O livro de Jó*:

Nem mesmo a tradição rabínica, que tinha muitas opiniões definitivas sobre tais assuntos, oferece um julgamento consistente sobre as origens do livro de Jó. [...]. A maioria supõe que o escritor original era um tipo de “sábio filósofo”. Claramente, seu conhecimento do mundo natural era amplo e sofisticado para seu tempo; ele também dominava um rico vocabulário e tinha grande habilidade na expressão poética.

Muitos autores atribuem à linguagem trágica um teor mais poético e reflexivo, o que também se pode notar no texto de Jó. O livro, que se divide em 42 capítulos, apresenta alguns momentos nos quais a narrativa se faz mais presente e outros momentos onde os discursos dos personagens são referidos em linguagem direta,

com uma pequena introdução que deixa claro somente quem irá falar naquele momento.

Trinta e nove, dos quarenta e dois capítulos em que o livro é dividido são somente os discursos e os diálogos dos personagens, sendo introduzidos, como mencionado, pelo narrador, usando o verbo *dicendi* (do latim, dizer), que indica quem é a próxima pessoa que irá falar e resume também, algumas vezes, do que se tratará aquele discurso.

Ademais, o livro também apresenta um prólogo, que introduz o leitor, pois informa de que modo se deu o encontro com Deus e Satã e o diálogo que tiveram, antes da permissão divina de que caíssem sobre Jó os males de que ele, mais tarde, sofreria, além de conter, ao final da obra um epílogo, que não é compilado como capítulo 43, mas vem após a última resposta de Jó no capítulo 42.

O que se pode saber a respeito do livro de Jó, de forma precisa, é sua história e seus ensinamentos, assim como a evidente clareza de que, neste livro, os gêneros literários estão eficazmente presentes. Apesar disso, algumas especulações são feitas, dentre as quais, a noção de que são momentos diferentes que se passam entre o momento em que a história se dá e o momento em que ela foi composta ou redigida, estipulando-se ainda que foi ambientada, segundo os estudos de Hahn, Mitch e Walters, no noroeste da Arábia.

No livro, em um primeiro momento, Deus e Satã dialogam, pois Satanás afirma que Jó só é um bom homem e obediente a Deus porque não há em sua vida nenhuma dificuldade. Alega Satã que, se a Jó fossem oferecidos sofrimentos e momentos de dificuldade, ele não mais seria fiel.

Deus permite que Satã tire de Jó tudo aquilo que ele tem de bom em sua vida: filhos, bens, saúde, todo tipo de tranquilidade, para provar que, na verdade, Jó era um servo fiel. A partir de então, inicia-se um segundo momento, em que, após perder tudo, os diálogos entre Jó e seus amigos dominam a narrativa. Esses são momentos onde Jó expõe seus pontos de vista a respeito do que está passando, sabendo que não cometeu nenhum erro para merecer tamanho sofrimento, e onde seus amigos, além de o aconselhar, o interrogam a respeito de suas ações.

Jó era de fato um servo fiel. Durante toda a sua vida nunca tinha cometido desobediência às leis do Senhor, a quem amava e respeitava singularmente. O próprio Senhor diz a respeito de Jó, no seu diálogo com Satã “1⁸ [...] ‘Reparaste no meu servo Jó? Na terra não há outro igual: é um homem íntegro e reto, que teme a

Deus e se afasta do mal.” (Bíblia de Jerusalém, 2019, p. 803) Acontece que era crença, à época de Jó, que somente aqueles que se voltavam contra Deus e o desrespeitavam ou pecavam contra ele é que mereceriam as tribulações e sofrimentos nesta vida, por isso, Jó não encontra razões para aquilo que está passando.

Por ser justo e bom, Jó cogita e relembra muitas vezes a sua vida, principalmente nos diálogos que inicia com seus amigos: Elifaz de Temã, Baldad de Suás, Sofar de Naamat e Eliú, que aparece posteriormente, pensando o que poderia ter feito ao Senhor, mas nada encontra e isso o entristece ainda mais. Esses momentos de desassossego de Jó e suas constantes insatisfações diante do que está enfrentando mostram que Jó não é um personagem inerte diante de sua realidade. Jó age, pois, seu dissabor diante da situação mostra que ele não aceitou sua situação de forma acomodada, mas deseja não só entender, mas até reverter essa situação em que se encontra.

Em determinado momento, Jó até mesmo chega a desejar um encontro com Deus, para tratar com ele face a face e entender sua situação. Diz ele:

“23 ³ Oxalá soubesse como encontrá-lo, como chegar a sua morada. ⁴ Exporia diante dele a minha causa, com minha boca cheia de argumentos. ⁵ Gostaria de saber com que palavras iria responder-me e ouvir o que teria para me dizer.” Porém, Jó de imediato reconhece que seria ilógico de sua parte, pois Deus era o soberano de tudo e ninguém ganharia dele em nenhum argumento: “23 ¹³ Mas ele decide; ^b quem poderá dissuadi-lo? Tudo o que ele quer, ele o faz. ¹⁴ Executará a sentença a meu respeito, como tantos outros dos seus decretos” (Bíblia de Jerusalém, 2019, p. 831).

O Senhor, aquele que era seu amigo e sempre justo, impunha sobre ele fardos pesados demais, que eram, segundo sua inteligência, imerecidos. Em seus discursos, Jó diz “6 ⁴Levo cravadas as flechas de Shaddai (*Deus Todo Poderoso*) e sinto absorver seu veneno. Os terrores de Deus assediam-me.” (Bíblia de Jerusalém, p. 809, grifo nosso). Em outros momentos, os próprios amigos de Jó não acreditam tanto assim em sua justiça, pois conhecem a natureza humana e pecadora. Porém, Jó defende sua causa e diz “6 ²⁵ [...] como podeis censurar-me e repreender-me? [...] ²⁸ Agora voltai-vos para mim: mentira diante de vós? [...] ³⁰ Há falsidade em meus lábios? [...]” (Bíblia de Jerusalém, p. 810).

Após longos diálogos entre seus amigos e Jó e após ele se entristecer com sua árdua situação, a prova que Deus lhe impôs é cumprida, pois Jó se mantém fiel. Deus dialoga com Jó e deixa claro para ele o seu poder de colocar e retirar tudo que lhe é de direito, pois Ele é o Todo Poderoso. Assim, a Jó são restituídos todos os seus bens em níveis bem maiores que os de anteriormente. O único bem que não pode ser restituído em mesma proporção são os filhos de Jó, perdidos para a morte. Deus lhe dá novos filhos, mas, para um pai, os novos frutos de seu rebanho não ocupam o lugar deixado pelos primeiros. Frye comenta sobre esse final, destacando a respeito da narrativa de Jó, pois: “[...] pessoas que perdem as filhas não são realmente consoladas por novas filhas; as condições que causam sofrimento podem ser modificadas, mas as cicatrizes do sofrimento permanecem” (Frye, 2021, p. 281).

Diante de tantos sofrimentos encontrados na narrativa de Jó e que fazem parte de sua vida, há alguns questionamentos a respeito da veracidade da história. Antigamente, a crença maior que existia era a de que era um personagem verdadeiro, que tinha realmente passado por tudo aquilo. Em estudos mais atuais, o que se imagina como mais provável é que a história de Jó é fictícia, criada somente para passar uma mensagem de sabedoria diante das tribulações.

Verdade ou não, o que interessa a este trabalho é analisar os gêneros presentes nesta obra tão significativa. Diante disso, é simples constatar a presença dos traços do gênero narrativo na construção da obra. A voz do narrador é muito clara ao começar a história com os traços próprios a uma narrativa, dizendo “havia na terra de Hus um homem chamado Jó” (Bíblia de Jerusalém, 2019, p. 803, grifo nosso).

Ao contar uma história, o narrador se utiliza de recursos da linguagem que o faz transmitir uma história. Assim sendo, ao começar a narrar a vida de Jó, ou melhor, ao começar a narrar seu momento de dificuldade, ele começa a usar verbos no pretérito, como o fazem grande parte dos narradores de histórias. Além disso, durante toda a história, esse narrador observa fatos acontecidos e também conhece os pensamentos de Jó, conhece diálogos que não seriam de conhecimento comum e consegue saber os sentimentos daqueles que participam da ação, sendo então um narrador onisciente, em terceira pessoa do singular.

O gênero narrativo, como já mencionado anteriormente, tem como uma de suas características ser um gênero que apresenta alguns elementos: narrador, personagens, enredo, tempo, espaço. Jó, como uma narrativa eloquente, apresenta

todos esses recursos. Além do narrador, já mencionado, que, como apresentado, não se sabe a origem, nem quem foi verdadeiramente, os personagens também estão claramente presentes.

Entre os personagens existentes na obra, estão os mais significativos que são: Jó, o personagem principal e a respeito de quem se escreve a história; Deus, sendo o criador de todas as coisas e aquele que permite a Jó passar por tais sofrimentos; Satã (ou Satanás, a depender da tradução), aquele que tenta a Jó, para provar a Deus que ele seria um servo infiel diante dos sofrimentos que lhe fossem ocasionados; Elifaz, Baldad e Sofar, os três amigos de Jó, com quem ele dialoga a respeito de seus sofrimentos e Eliú, que aparece no final da narrativa para dar sua contribuição, ao enfrentar Jó, que se considerava justo.

Soares (1993), assim como outros estudiosos da área, trazem como elementos da narrativa, além do narrador e dos personagens, o enredo, o tempo, o espaço e o foco narrativo. Dentro do enredo de Jó, tem-se a sucessão dos acontecimentos que os personagens passam. O enredo se permeia do diálogo com Deus, adentrando nos diálogos que Jó tem com seus amigos, passando pela restituição final dos seus bens e sendo finalizado na noção de “moral” que o livro passa ao leitor.

O espaço onde a história acontece não é totalmente uniforme. Primeiro acontece a conversa de Deus com Satã, que deve se dar em um plano superior e não concreto, onde se acredita que vivam esses seres. Depois acontece os sofrimentos e perdas de Jó, que se passam em sua vida comum, dentro da provável aldeia em que vivia, além dos lugares onde moravam seus filhos. Finaliza-se a história quando Deus dialoga com Jó, ao final do livro, diálogo esse que deve acontecer em uma intercalação do plano comum e natural da terra e também do plano celeste onde Deus se encontra.

O tempo em que se passa a narrativa é o tempo presente, mas mesclado com o pretérito, pois ao mesmo tempo em que as ações se passam, também se lembra e se menciona ações antigas, já ocorridas, com o recurso da memória, como ensina Santana (2019), no qual Jó se entristece ao procurar, em sua vida, momentos em que possa ter desagradado a Deus para, assim, merecer os sofrimentos de que passa.

O foco narrativo, segundo Soares (1993, p. 52) é “a relação entre o narrador e o universo diegético e ainda entre o narrador e o narratário”. O narrador, em Jó,

conhece tudo que os personagens vivenciam, seus sentimentos, pensamentos, ações passadas e futuras, conhecendo também os discursos e tudo aquilo que Jó almejava, como a esperança que tinha em Deus, que pudesse justificar todo seu sofrimento, pois Jó era um homem justo. Esse tipo de narrador, se caracteriza como narrador onisciente, pois tem um saber absoluto sobre todos os eventos.

Ao analisar a narrativa de Jó, podemos constatar, eficazmente, que se trata de uma narrativa onde os aspectos trágicos têm forte presença. Além de ser uma história narrada, com algumas das características da narrativa já apresentadas, Jó é uma história que trata de uma grande catástrofe, embora, na sequência, advenha, pelo menos em parte, a restauração da situação anterior e o alívio. Ao ser tentado por Satã, com a permissão de Deus, Jó experimenta em sua vida tamanhos sofrimentos que são indizíveis. Perde bens, saúde, filhos, tudo que a vida o tinha dado e que o fazia sentir prazer, por isso, Jó não encontrava mais sentido em meio a tanta dor e deseja, diversas vezes, a morte.

Soares (1993, p. 61) argumenta que “para que o herói caia em desgraça, é necessário que vivencie um desequilíbrio, uma desmedida, um valor negativo: a *hybris*, que o coloca em erro inconscientemente (*falha trágica*) e que, se vinculando ao destino, conduz à destruição de seu mundo”.

A diferença dessa afirmação para o livro de Jó é que Jó não vivencia nenhum erro, não comete nenhum desacerto. Jó costumava, inclusive, realizar a Deus diversos sacrifícios, por ele e por seus filhos, por possíveis erros do futuro que um deles pudesse, um dia, vir a cometer. A situação que ele experimenta é fruto somente de um acordo entre Deus e Satã, acordo este que foi feito para provar sua fidelidade a Deus. Durante todo o tempo em que Jó aparece falando ou que é mencionada alguma de suas atitudes, fica claro ao leitor que Jó não cometeu nenhum crime ou falta, e que sempre foi um homem justo diante de Deus. Diz Jó em seu lamento à Deus: “10 ² Direi a Deus: Não me condenes, explica-me o que tens contra mim. ³ Acaso te agrada oprimir-me, rejeitar a obra de tuas mãos e favorecer o conselho dos ímpios? [...] ⁷ quando sabes que não sou culpado e que ninguém me pode tirar de tuas mãos?” (Bíblia de Jerusalém, 2019, p. 814)

Em um breve instante, a vida de Jó muda completamente, tendo em vista que ele estava, em um dia comum, vivendo sua vida comum e passando por tudo que costumava passar todos os dias. Vivia como um servo de Deus, assim como seus filhos, entretanto em uma sucessão de acontecimentos, Jó começa, momento após

momento a perder tudo que tinha. Primeiro, perdeu seus bois e mulas, depois as ovelhas e pastores; após isso, os camelos e os servos; perdeu depois os filhos, o que pode ter sido uma das maiores dores e por último, perdeu a saúde.

Tudo isso que Jó viveu se caracteriza como referente a momentos de muita dor. Uma pessoa comum, como Jó era, que vivia de forma obediente e temente a Deus e que passa, de um momento para outro, a viver dores tamanhas, mesmo sem ter cometido nenhum crime, com certeza se sente muito aflito e desesperançoso. Todas essas características remetem ao trágico, por ser este um termo que traz em si um significado de morte ou desventura. Soares (1993, p. 61), ainda afirma que “ainda hoje temos o sentido do trágico toda vez que vemos destruída a razão de uma existência, toda vez que o homem se vê impelido a uma fatalidade”.

Notoriamente, é isso que Jó vivencia em sua existência, a partir do momento em que se vê diante das tribulações. Para ele, existir é sofrer e, desse modo, deseja ardentemente a morte mais do que vida naquelas circunstâncias, por isso pede insistentemente a Deus que o livre da existência e chega a amaldiçoar o dia em que nasceu, porque acredita que seria muito mais feliz na morte, na região dos mortos, do que o que é estando ainda vivo.

Ao se pensar no trágico, leva-se em conta a afirmação de Frye (2021, p. 230), pois: “[...] reflete a situação humana como ela é [...]”. Jó é um personagem comum, diferente dos grandes heróis épicos, que tinham poderes ou eram protegidos por alguma divindade e conseguiam se livrar das contrariedades e da morte por essas divindades os ajudarem.

Apesar de Deus ser companheiro de Jó e seu protetor, de certo modo, ele não impede que os males o aflijam. Pelo contrário, ele permite que Satã o tente, sabendo desse modo que ele sairia subjulgado. A proteção de Deus frente ao acontecido era somente com relação à morte, pois disse a Satã que poupasse a vida de Jó. O restante dos eventos vivenciados por Jó, apesar de se caracterizarem com uma dor infinita e inimaginável, são coisas possíveis de acontecerem.

Perder os animais, as propriedades, os filhos, a saúde são coisas perfeitamente capazes de ocorrer. Por isso, a afirmativa de Frye (2021) se faz legítima. Jó sofreu, teve dores, desgostos e infortúnios, mas isso refletiu, de certo modo, à luz do autor, a vida. É de conhecimento comum as inúmeras amarguras enfrentadas pelas pessoas constantemente na vida, amarguras essas que, apesar

de não serem iguais às de Jó, nem se sabe se pelo mesmo objetivo, doem, machucam e fazem sofrer os seres humanos.

Frye (2021, p. 247) ainda menciona que:

[...] uma estrutura narrativa [...] tem, aproximadamente, a forma de um U, à apostasia seguindo-se uma descida rumo ao desastre e à escravidão, que por sua vez é seguida pelo arrependimento, e depois por uma ascensão, por meio da libertação, até um ponto situado mais ou menos no mesmo patamar em que a descida teve início.

Esse formato de U, apresentado por Frye significa passar da desventura à bem aventurança, da infelicidade à felicidade, sendo justamente o que acontece com o personagem Jó. Apesar de, nessa afirmação, Frye se referir à comédia como narrativa que melhor se encaixa nesse viés, tomando-se o livro de Jó como modelo, conseguimos ver muito claramente que ele, apesar de trágico, se encaixa nessa perspectiva, pois, em primeiro momento tinha uma vida de grande excelência, tendo tudo que alguém poderia desejar. Em determinado momento, perde tudo, descendo ao ponto ínfimo do “U”, e, após a devolução, por parte de Deus, dos seus bens, volta novamente a ascender, regressando, assim, ao ponto mais alto.

Em sua restituição à vida que possuía, Frye (2021), menciona que Jó, de certo modo, fê-lo, “com juros”. Analisando tudo aquilo que Jó perde, mas levando em consideração aquilo que lhe é restituído, conseguimos entender que, a felicidade de Jó lhe é restituída, não somente pelos bens que lhe são devolvidos, apesar de isso também ser motivo de felicidade, mas também sua saúde é restituída.

Por imaginar essa restituição e a felicidade que a Jó retornam, o leitor poderia não entender o conceito de trágico, visto que a história termina com um final prazeroso. Nesse sentido, Lesky (1996, p. 37), usando o exemplo das tragédias gregas para se referir ao trágico, menciona esse fato e diz “[...] não poucas tragédias áticas terminam de um modo feliz e com uma reconciliação, portanto, [...] cumpre com isso entender tudo menos que elas não revelam o trágico em copiosa medida”.

Nessa ótica, porém, o que faz com que essa alegria não seja completa, é o fato de que seus filhos não voltam à vida, mas outros filhos lhe são restituídos. Os pais e mães conseguem entender que, mesmo que novos filhos lhe sejam dados após perder os primeiros, a dor da perda permanece para sempre.

Entender o conflito que Jó está passando, para o leitor, é bastante compreensível. Um ser bom, justo e fiel, que, de um momento para outro se vê

humilhado sem nenhuma razão, causa no leitor a sensação de empatia e de muita sensibilização. O leitor pode, muitas vezes, chegar a se colocar no lugar daquele personagem e ver, que em seu lugar, estaria sofrendo tanto quanto ou talvez mais.

Jó se vê desesperançado em muitos momentos da narrativa. Um pequeno e singelo alívio ou consolo que Jó pode ter diante dos seus sofrimentos é a presença dos seus amigos que vêm, de lugares distintos, visitá-lo. Apesar de não precisarem e não ganharem nenhuma coisa com isso, como forma de alívio, eles conversam com Jó e tentam eles mesmos entender o que está acontecendo com Jó, pois ele é bom e justo.

Entendemos que Jó se mostra um personagem trágico por tudo aquilo que vivencia em sua existência. Mas muitas das falas de Jó também comprovam toda a sua dor e sofrimento. No seu primeiro discurso, por exemplo, Jó amaldiçoa o dia em que nasceu, pois não suportava mais tudo aquilo que estava sofrendo. Ele diz, por exemplo, no capítulo 3, na *Bíblia de Jerusalém* (p. 805) “¹¹ Por que não morri ao deixar o ventre materno, ou pereci ao sair das entranhas? ¹² Por que me recebeu um regaço e seios me deram de mamar?”.

Albin Lesky (1996, p. 38) faz uma análise do trágico sob algumas modalidades ou experiências trágicas. O autor define que, na tragédia grega, podem se encontrar as seguintes concepções do trágico: *a visão cerradamente trágica do mundo, o conflito trágico cerrado e a situação trágica*. Com apoio nessas concepções, podemos analisar o conflito vivido por Jó.

Na visão cerradamente trágica, o autor explica que as situações trágicas acontecem e não há explicação alguma para aqueles episódios. Não há causa para os sofrimentos e o horror. O livro de Jó não se encontra nessa definição, pois os acontecimentos trágicos em Jó se dão com uma explicação maior: Deus é o responsável por permitir que aconteçam para, assim, testar a fé de Jó. Ou seja, há uma explicação transcendental para os eventos vividos por esse personagem bíblico. O diálogo de Deus com Satã, ao início do livro, comprova este fato: “¹ ¹² Então Iahweh disse ao Satã: ‘Pois bem, tudo o que ele possui está em teu poder, mas não estendas tua mão contra ele’” (Bíblia de Jerusalém, 2019, p. 803). Nesse momento, Deus diz a Satã que pode tomar tudo que pertence a Jó e, portanto, a causa do sofrimento de Jó se inicia com essa permissão divina.

Já no conflito trágico cerrado, explica o autor, não há saída para o homem e este, aconteça o que acontecer, sofrerá; porém, existe uma explicação para a

tragicidade que vivencia. Pode ser que essa explicação só exista em um plano superior e que o homem nunca chegue a entendê-la, mas ela existe. Jó também não se encontra neste campo, pois, além de haver explicação para seu sofrimento, houve uma saída para ele. Ao final da narrativa, vê-se que lhe são restituídos os bens e tudo que havia perdido, havendo, assim, uma solução com o fim do sofrimento e do impasse: “42 ¹⁰ Então Iahweh mudou a sorte de Jó, quando intercedeu por seus companheiros e duplicou todas as suas posses. [...] ¹² Iahweh abençoou a Jó pelo fim de sua vida mais do que no princípio”.

Por fim, há a situação trágica, que, à luz deste trabalho, seria onde se encontra o personagem Jó. Diz Lesky (1996, p. 38), a respeito dessa *situação trágica*:

Também nela deparamos os elementos que constituem o trágico: há as forças contrárias para lutar umas contra as outras, há o homem, que não conhece saída da necessidade do conflito e vê sua existência abandonada à destruição. Mas essa falta de escapatória que, na situação trágica, se faz sentir com todo o seu doloroso peso, não é definitiva. As nuvens que pareciam impenetráveis se rasgam e do céu aberto surge a luz da salvação que inunda a cena, até então envolta pela noite da tempestade.

Ao entender o livro de Jó, compreendemos que o seu sofrimento tem um fundamento. O Senhor não permite que Jó, sendo justo, sofra em vão, mas Jó não compreende isso. Ele não conhece o diálogo primeiro de Deus com Satã e não está a par do porquê passa por aquelas tribulações, e isso torna ainda mais comovente sua dor. “13 ²³ Quais são os meus pecados e minhas culpas? [...] ²⁴ Por que ocultas tua face e me trataas como teu inimigo?”. Jó é provado, mas não sabe, em nenhum momento, que está sendo, pois, talvez se o soubesse, o fim último da história, de se manter fiel, mesmo em meio aos sofrimentos, não tivesse tanto efeito assim.

Pode-se concluir que o personagem Jó se encontra nesta categoria porque, de fato, Jó não conhece a saída para sua situação. Essa saída existe, mas Jó duvida dela em muitos momentos e em outros não sabe nem o motivo pelo qual sofre. Porém, os céus se abrem para Jó e a luz de sua salvação finalmente chega. Como mencionamos, Deus volta sua face para Jó ao final da narrativa e restitui a ele tudo aquilo que possuía, de modo duplicado. Portanto, a contribuição de Lesky (1996) a respeito da situação trágica pode perfeitamente ser relacionada com a experiência de vida do personagem Jó.

Hahn e Mitch (2022, p. 22) nos dizem que “é [...] na agonia da provação de Jó, que se explora a relação entre a providência divina e a situação humana”, pois Deus interfere na existência de Jó e o faz sofrer, mostrando toda a sua soberania, mas, ao mesmo tempo, fê-lo por ser bom e clemente e por mostrar àquele que era inimigo do homem que sua bondade era tamanha e que o homem o amava tanto que continuaria o servindo e continuaria colocando nele sua esperança, mesmo em meio a tantos sofrimentos.

O que Jó faz é, de certo modo, um pouco confuso ou até mesmo indelneável, pois, em alguns momentos, a esperança o deixa. Elifaz de Temã, no capítulo 5, traz novamente esse discurso sobre a esperança na bondade de Deus. Em meio àquilo que via Jó sofrer, sentiu pena de seu estimado amigo, mas não se deixou levar por aquilo que via, pois sabia em quem tinha colocado sua confiança. Ele relembra a Jó a bondade de seu Deus, pois lhe diz, se referindo a Deus, “¹⁸ porque ele fere e pensa a ferida, golpeia e cura com suas mãos. ¹⁹ De seis perigos te salva, e no sétimo não sofrerás mal algum” (Bíblia de Jerusalém, 2019, p. 808).

O que causa a maior dor em Jó, com certeza, é o fato de não entender o motivo de suas tribulações. Era de conhecimento comum, à época de Jó, que aquele que pecava contra Deus deveria e merecia sofrer. Deus era responsável pelo consolo dos bons, mas também pela justiça com os maus, fazendo com que pagassem por cada pecado e crime cometido.

Jó, porém, sempre foi reto, justo, bondoso e fiel e apesar de procurar no seu íntimo, revisando toda a sua vida, não encontra nada que o possa acusar. Sempre teve cuidado em obedecer a Deus e ser temente a Ele, preocupando-se até com as possíveis faltas de seus filhos, pois sempre realizava rituais de expiação para apagar os pecados que pudessem ter cometido. Até cogitam que Jó tenha algum pecado de que não tenha conhecimento em seu íntimo. Jó, em alguns momentos da narrativa, se irrita com seus amigos e chega a dizer coisas como “¹³ ⁴ Vós sois senão embusteiros, todos vós meros charlatões” (Bíblia de Jerusalém, 2019, p. 817).

Hahn e Mitch (2002, p. 23) dizem:

[...] para sua grande frustração, o céu permanece calado aos seus pedidos, e seus amigos pouco podem fazer além de repetir seus apelos ao arrependimento, apesar dos esforços de Jó para expor as falhas do pensamento convencional deles.

Não só Lesky, mas muitos outros autores trazem a noção daquilo que é trágico. Na própria vida humana, em suas próprias experiências, aquilo que causa horror, sofrimento, humilhação ou qualquer um sentimento semelhante a esse é elencado dentro da categoria do catastrófico. Com Jó isso se aplica de forma muito literal. A diferença, porém, entre Jó e as demais obras trágicas, ou a diferença entre Jó e a afirmativa de Aristóteles, por exemplo, é o fato de Jó, além de não ser um texto dramático ou teatral, ser também uma obra trágica onde o fim último se dá por meio da felicidade.

Tudo aquilo que é levado de Jó: animais, bens, saúde, Ihe são restituídos por Deus, ao final da narrativa. A diferença singular se dá, porém, quando se trata de seus filhos. Deus, ao tomar de Jó seus filhos e os levar para a morte, não tem planos de que eles voltem à vida novamente e, por isso, ao Ihe devolver seus descendentes, o faz dando a Jó novos filhos e não os antigos.

Como já mencionado, alguém que perde um ente querido jamais Ihe esquece por um outro. A posição, então, dos filhos que Jó recebe de Deus após a provação não é nunca de substituir os primeiros, mas de Ihe serem a descendência que ele desejava deixar no mundo.

Diante de todo o exposto até aqui, vê-se claramente que aquilo que o livro de Jó nos transmite é uma história de sofrimento e infortúnio, pois a dor é que nos é transmitida claramente. Apesar dos momentos de alegria que são encontrados ao final da história, é na trajetória de desfortunas que, não só o livro se volta, mas também nosso olhar, enquanto leitores.

Nessa perspectiva, Tavernard Júnior (2002, p. 51) traz a seguinte reflexão: “o que o livro [de Jó] retrata – entre tantas coisas – não é a felicidade, mas o infortúnio; não é a alegria, mas a tragicidade do cotidiano. Vê-se, efusivamente, a presença do absurdo e do trágico que circunda endógena e exogenamente a natureza humana”.

Os elementos do trágico se fazem, assim, presentes na narrativa de Jó. Na trama narrada, todos os elementos sucedidos contribuem para o infortúnio da vida de Jó e sua felicidade última ao fim da narrativa, configurando-se, a nosso ver, a situação trágica descrita por Lesky.

Ao fim de toda a história, além de tudo que é transmitido ao leitor, a sensação de uma certa moral também se faz presente. O leitor consegue compreender que aquela história também foi construída para um fim catequético, pois essa obra quer transmitir ao leitor uma mensagem de que aqueles que seguem e amam a Deus,

mesmo que sejam justos, não estão isentos de sofrimentos e tribulações, mas os devem suportar piedosamente, pois obterão a recompensa futura.

Aqueles que sofrem, mas sofrem na presença de Deus, de certo modo são consolados. Apesar de permitir aqueles sofrimentos, Deus, em seu íntimo, sabia que Jó seria justo e bom, sabia que lhe restituiria todos os seus bens. Apesar de concordar com Satã sobre causar em Jó os sofrimentos e testar sua fé, Deus não permite que o pior, ou seja, a morte, aconteça a ele, pois era o consolo em meio ao caos, mesmo Jó não enxergando naquele momento.

Uma observação a se pensar, na narrativa de Jó, é o fato de um Deus bom, que comumente é conhecido como justo, fazer passar por sofrimentos tão atrozos um dos seus servos mais fiéis. Leva-se em conta, porém, que a ação divina não foi impensada ou involuntária, mas tinha ele um objetivo maior: fazer o maior inimigo do homem entender que, mesmo em meio aos maiores infortúnios, o homem que o ama consegue não se voltar contra ele.

O livro de Jó, com todos os seus sofrimentos, não é um livro de história. Muitos estudos revelam que a história e o personagem Jó não são reais, mas foram histórias criadas para um fim de educar o povo diante dos sofrimentos enfrentados.

Os elementos do gênero trágico podem e são perfeitamente encontrados no livro em análise. Dentre muitas histórias bíblicas, esta retrata perfeitamente aquilo que é catastrófico em meio à beleza e à bondade de Deus. Há, por isso, um contraste bem claro entre aquele que é bom e oferece sua bondade: Deus e aquele que Deus, mesmo sendo bom, permite que sofra: Jó. Esse contraste torna a narrativa ainda mais instigante e emocionante.

Ver aquele que é bondoso e exemplo de beneficência, permitir que a dor entre de forma tão intensa na vida de alguém só torna a narrativa ainda mais complexa, principalmente, para aqueles que acreditam e seguem Deus. Isso, porém, não afasta o leitor da obra, pois o seu final dá ao público uma faísca de esperança: após o caos, reina a felicidade.

O último objetivo específico se referia a descrever, no Livro de Jó, os aspectos que tornam esta obra um exemplo deste gênero. Ao terminar a análise e apresentarmos os pontos, conclui-se que o objetivo se fez alcançado, pois, verificamos que Jó é, à luz dos teóricos estudados, um personagem trágico, que vive uma situação trágica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizar esta pesquisa a respeito dos gêneros nos livros da *Bíblia*, com foco no gênero trágico no Livro de Jó, compreende-se que este livro apresenta alguns dos elementos que caracterizam este gênero enquanto compreensão transcendente da existência humana, conforme os teóricos que tomamos em apoio à nossa hipótese de trabalho. Procurando e pesquisando a respeito desse gênero, constata-se principalmente que a dor – a princípio nem sempre inteligível – e o sofrimento são os elementos essenciais para um bom texto ou obra trágica.

Jó, como constatado, sofre durante boa parte da vida, dores e infortúnios que não são semelhantes a muita coisa vista no mundo atual. Porém, suporta tudo, apesar da desesperança que tantas vezes o perturba, o que é comum, diante das atrocidades.

Compreendendo essa perspectiva, a análise dos gêneros pode ser feita de muitas maneiras no conjunto de obras que formam a *Bíblia*. Esse estudo se volta para essa análise de forma muito contígua e, por isso, se faz relevante para estudos nessa área, envolvendo a *Bíblia* como literatura, voltada para os gêneros, mas especificamente o gênero trágico.

A análise foi realizada, confirmando os objetivos já observados. Entendemos a respeito dos gêneros da *Bíblia* como um todo e fez-se a relação destes dois pontos, afirmando positivamente que Jó é um livro de cunho trágico, mesmo sendo uma narrativa e não um texto dramático composto para a cena teatral.

Após uma análise a respeito do livro de Jó e as vivências do personagem, à luz de alguns teóricos, podemos conceber Jó como personagem trágico, pois toda a sua vida e as circunstâncias que permeiam sua existência se voltam para o trágico.

Os elementos catastróficos do trágico são, dentre muitos, a dor, o sofrimento, as humilhações, os momentos de infortúnios e diversas inquietações, todos esses encontrados na narrativa de Jó, além da desesperança que constantemente acompanha o protagonista.

Ao se verificar a presença desses diversos elementos na organização da narrativa, coube considerar o livro de Jó como obra trágica, mesmo tendo seu final feliz e de reversão, ainda que parcial, da situação inicial vivida pelo protagonista. Toda a análise, assim, mostra que se pode verificar os gêneros em diversos contextos, incluindo um texto sagrado, como a Bíblia.

Ao compreender que o Livro de Jó se enquadra na categoria do gênero narrativa trágica por, como mencionado, tudo aquilo que ele vivencia, à luz do teórico Albin Lesky (1996) das concepções do trágico descritas e comentadas por ele, conclui-se que a que melhor se aplica aos eventos vividos pelo protagonista do livro analisado é a “situação trágica”, uma vez que todo o sofrimento vivido é explicado e superado pelo personagem.

A análise dos gêneros ajudou a pesquisa a compreender quais as características de cada gênero que mais se encaixavam na obra analisada, além de contribuir para, além de muitos outros fatores, compreender a *Bíblia* como Literatura, sendo esta uma obra singular no mundo literário, e a compreensão da composição dos livros da *Bíblia* deu a esta pesquisa uma complementariedade superior.

A observação feita é de que, ao estudar os gêneros, um mundo novo se cria a partir de cada história observada e analisada, além de distinguirmos que, dentro da situação trágica, o livro de Jó se situa. Compreende-se, por fim, que esta pesquisa não apresenta um caráter conclusivo, possibilitando em si novos olhares sobre este tema tão vasto.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Poética**. São Paulo: Editora Nova Cultura Ltda, 1999. O
- BÍBLIA. **Bíblia de Jerusalém: Antigo e Novo Testamentos**. São Paulo: Paulus, 2019.
- BECHARA, Evanildo. **Dicionário da Língua Portuguesa Evanildo Bechara**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2011.
- BORBA, Francisco Silva (org.). **Dicionário UNESP do Português Contemporâneo**. Curitiba: Piá, 2011.
- COUTINHO, Afrânio. **Que é literatura e como ensiná-la**. Notas de teoria literária. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- FRYE, Northrop. **O Grande Código: a Bíblia e a literatura**; tradução de Marcio Stockler. Campinas: Editora Sétimo Selo, 2021.
- GABEL, John B. **A Bíblia como literatura: uma introdução**. In: John B. Gabel (org.). Edições Loyola, 2003. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=Of0gcQH6dJIC&oi=fnd&pg=PA9&dq=a+biblia+como+literatura&ots=ughJY0xcqv&sig=pBRxzxEi8eXAO6jPbUkqjLWYk#v=onepage&q=a%20biblia%20como%20literatura&f=false>. Acesso em: 13 jul. 2023.
- GABEL, John B.; WHEELER, Charles B. **Bíblia como literatura (A)**. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Mana Stela Gonçalves. 2 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2003. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=Of0gcQH6dJIC&oi=fnd&pg=PA9&dq=GABEL,+John+B.+%3B+WHEELER,+Charles+B.+B%3%ADblia+como+literatura+\(A\).+Tradu%3%A7%C3%A3o+de+Adail+Ubirajara+Sobral+e+Mana+Stela+Gon%3%A7alves.+2+ed.+S%3%A3o+Paulo:+Edi%3%A7%C3%B5es+Loyola,+2003&ots=ugiD_3Bfrv&sig=8a5A0toGcES8zsoY8kG5IFrKcck#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=Of0gcQH6dJIC&oi=fnd&pg=PA9&dq=GABEL,+John+B.+%3B+WHEELER,+Charles+B.+B%3%ADblia+como+literatura+(A).+Tradu%3%A7%C3%A3o+de+Adail+Ubirajara+Sobral+e+Mana+Stela+Gon%3%A7alves.+2+ed.+S%3%A3o+Paulo:+Edi%3%A7%C3%B5es+Loyola,+2003&ots=ugiD_3Bfrv&sig=8a5A0toGcES8zsoY8kG5IFrKcck#v=onepage&q&f=false). Acesso em: 12 jul. 2023.
- HAHN, Scott; MITCH, Curtis; WALTERS, Dennis. **O livro de Jó: Cadernos de estudo bíblico**. Campinas: Ecclesiae, 2022.
- LESKY, Albin. **A tragédia grega**. 3 ed. Trad. J. Guinsburg et al. São Paulo: Perspectiva, 1996.
- LOPES, Cícero Galeno. **Gêneros literários**. 1997. Disponível em: <http://www.artistasgauchos.com.br/cicero/pdfs/GenerosLiterarios.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2023.
- SANTANA, Andressa Bandeira. **A memória como estratégia narrativa em Crônica de uma morte anunciada**. 2019. 122f. Dissertação (Mestrado em Leitura: Estudos linguísticos, literários e midiáticos) - Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC,

Santa Cruz do Sul, 2019. Disponível em:
<https://repositorio.unisc.br/jspui/handle/11624/2464>. Acesso em: 21 ago. 2023.

SOARES, Angélica. **Gêneros Literários**. 2. ed. São Paulo: Editora Ática S.A, 1993.

SZONDI, Peter. **Ensaio sobre o Trágico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

PRODANOV, Cleber Cristiano. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2 ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=zUDsAQAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA13&dq=PRODANOV,+Cleber+Cristiano+.+Metodologia+do+trabalho+cient%3%ADfico:+m%3%A9todos+e+t%3%A9cnicas+da+pesquisa+e+do+trabalho+acad%3%AAmico.+2+ed.+Novo+Hamburgo:+Feevale,+2013&ots=dc42dhwcGK&sig=n1l1ZyTXYzXLiNMy5dxNdUJ05s#v=onepage&q=PRODANOV%2C%20Cleber%20Cristiano.%20Metodologia%20do%20trabalho%20cient%3%ADfico%3A%20m%3%A9todos%20e%20t%3%A9cnicas%20da%20pesquisa%20e%20do%20trabalho%20acad%3%AAmico.%202%20ed.%20Novo%20Hamburgo%3A%20Feevale%2C%202013&f=false>. Acesso em: 31 ago. 2023.

TAVERNARD JÚNIOR, Jesus. O problema do mal e do sofrimento no livro de Jó. **Caminhando**, v. 7, n. 2, p. 50-67, out., 2002. Disponível em:
<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/Caminhando/article/viewFile/1473/1493>. Acesso em: 28 ago. 2023.

TORRINHA, Francisco. **Dicionário latino português**. Porto: Gráficos Reunidas, Ltda, 1937.

WELLEK, René; WARREN, Austin. **Teoria da Literatura e Metodologia dos Estudos Literários**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

Caminhos do Trágico: considerações da Filosofia e Literatura. COSTA, Solange Aparecida de Campos (Org.) Curitiba: CRV, 2016.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

BERGSON, Henri. **O Riso: ensaio sobre a significação do cômico**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983. Disponível em: <https://doceru.com/doc/nxvn855>. Acesso em: 24 jun. 2023.

DE CARLI, Elisana. A Configuração do Gênero Cômico. **Criar Educação**, v. 1, n. 1, p. 1-7, dez., 2016. Disponível em:
<https://www.periodicos.unesc.net/ojs/index.php/criaredu/article/view/2900>. Acesso em: 22 jun. 2023.

MALHADAS, Daisi. **Tragédia Grega: O Mito em Cena**. Cotia: Ateliê Editorial, 2003.

ROMILLY, Jacqueline de. **A Tragédia Grega**. 2. ed. Lisboa/Portugal: Edições 70, LTDA, 2008.